

Landesbibliothek Oldenburg

Digitalisierung von Drucken

Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

Eclogas De Luis De Camoens.

urn:nbn:de:gbv:45:1-2655



ECLOGAS
DE
LUIS DE CAMOENS:

ECLOGA I.

A MORTE DE D. ANTONIO DE
NORONHA, que morreo em Africa, & d
morte de D. Joam Principe de Portugal,
pry del Rey D. Sebastiam.

UMBRANO & FRONDELIO, Pastores.

U M B R A N O .

Q ue grande variedade vaõ fazendo,
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se vaõ as cousas convertendo,
Em outras cousas varias, & insperadas?
Hum dia a outro dia vai trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas:
Mas quam conformes saõ na quantidade

Tom. II.

T



Tam diferentes são na qualidade.

EU VI JA' deste campo as varias flores ;
 A's estrellas do Ceo fazendo inveja ;
 Vi andar adornados os pastores
 De quanto pelo mundo se defeja :
 E vi co campo competir nas cores
 Os trajos de obra tanta , & tam sobeja ,
 Que se a rica materia nam faltava ,
 A obra de mais rica sobejava.

E VI PERDER seu preço as brancas rosas ,
 E quasi escurecerse o claro dia ,
 Diante de humas mostras perigosas ,
 Que Venus mais que nunca engrandecia :
 Enfim vi as pastoras tam fermosas ,
 Que o amor de si mesmo se temia ;
 Mas mais temia o pensamento falso ,
 De nam ser para ter temor tam alto.

AGORA TUDO está tam diferente ,
 Que move os corações a grande espanto ,
 E parece , que Jupiter potente
 Se enfada já do mundo durar tanto :
 O Tejo corre turvo & descontente ,
 As aves deixão seu suave canto ,
 E o gado em ver , que a erva lhe falece ,
 Mais que de a nam comer , nos emmagrece.

F R O N D E L I O .

UMBRANO irmão , decreto he da natura
 Inviolavel , fixo , & sempiterno ,
 Que a todo o bem succeda desventura ,
 E nam haja prazer , que seja eterno :

Ao claro dia segue a noite escura,
 Ao verão suave o duro inverno,
 E se habi quem saiba ter firmeza,
 He sòmente esta ley da natureza.

TODA alegria grande, & suntuosa
 A porta abrindo vem ao triste estado:
 Se huma hora vejo alegre, & deleitosa,
 Temendo estou do mal aparelhado:
 Nam ves, que mora a serpe venenosa
 Entre as flores do fresco & verde prado?
 Nam te engane nenhum contentamento,
 Que mais instavel he que o pensamento.

E PRAZA a Deos que o triste, & duro Fado,
 De tamanhos defastres se contente:
 Que sempre hum grande mal inopinado
 He mais, do que o espera a incauta gente:
 Que vejo este carvalho, que queimado
 Tam gravemente foi do rayo ardente,
 Nam seja ora prodigio, que declare
 Que barbaro cultor meus campos are?

U M B R A N O.

EM QUANTO do seguro azambugeiro
 Nos pastores de Luso houver cajados,
 E o valor antigo, que primeiro
 Os fez no mundo tam assinalados:
 Nam temas tu Frondelio companheiro,
 Que em nenhum tempo sejam sojugados,
 Nem que a cerviz indomita obedeça
 A outro jugo algum, que se offereça.
 E POSTO que a soberba se levante

Do inimigo a torto, & a direito,
 Nam creas tu, que a força repunante
 Do fero, & nunqua já vencido peito,
 Que desde quem possue o monte Athlante,
 Até onde bebe o Idaspe, tem fugeito,
 O possa nunqua ser de força alhea,
 Em quanto o Sol a terra, & o Ceo rodea.

FRONDELIO.

UMBRANO, a temeraria segurança,
 Que em força, ou em razão nam se assegura,
 He falsa, & vaã, que a grande confiança,
 Nam he sempre ajudada da ventura:
 Que là junto das aras da esperança,
 Nemesis moderada, justa, & dura,
 Hum freyo lhe está pondo, ley terrivel,
 Que os limites nam passe do possível.

E se atentares bem os grandes danos,
 Que se nos vão mostrando cada dia,
 Poràs freyo tambem a esses enganos,
 Que te está afigurando a oufadia;
 Tu nam ves como os lobos Tingintanos,
 Apartados de toda a covardia,
 Mataõ os caes do gado guardadores,
 E nam sòmente os caes, mas os pastores?

E O GRANDE curral seguro & forte,
 Do alto monte de Athlas, nam ouviste,
 Que com sanguinolenta, & fea morte,
 Despovoado foi por caso triste?
 Oh caso desestrado! ò dura forte!
 Contra quem força humana nam resiste,

Que alli tambem da vida foi privado,
Tionio meu, ainda em flor cortado.

U M B R A N O.

DE LAGRIMAS me banha todo o peito,
Desse caso terrivel a memoria,
Quando vejo, quam sabio, & quam perfeito,
E quam merecedor de longa historia,
Era esse teu pastor, que sem direito,
Deo às Parcas a vida transitoria:
Mas nam hahi quem de erva o gado farte,
Nem do juvenil sangue o fero Marte.

POREM se te nam for muito pesado,
Jà que esta triste morte me lembraste,
Cantares desse caso desestrado
Aquelles brandos versos, que cantaste,
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nosoutros pastores te apartaste,
Que eu tambem, que as ovelhas recolhia,
Nam te podia ouvir como queria.

F R O N D E L I O.

COMO QUES, que renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura;
Mas pois tambem te move o sentimento
Da morte de Tionio triste, & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me nam congela a voz no peito.

U M B R A N O.

CANTA agora pastor, que o gado paze
T iij

Antre as humidas hervas foflegado ;
 E là nas altas ferras , onde nace
 O sacro Tejo à sombra recoftado ,
 Com feus olhos no chaõ , a maõ na face ;
 Está para te ouvir aparelhado ,
 E com silencio triste estaõ as Ninfas ,
 Dos olhos eftilando claras lynfas .

O PRADO as flores brancas , & vermelhas ;
 Está fuavemente apresentando ,
 As doces & folicitas abelhas ,
 Com hum brando fufurro vaõ voando ;
 As manfas & pacificas ovelhas ,
 Do comer efquecidas , inclinando
 As cabeças estaõ ao fom divino ,
 Que faz passando o Tejo cristalino .

O VENTO dentre as arvores respira ,
 Fazendo companhia aõ claro rio ,
 Nas sombras a ave garrula fufpira ,
 Suas magoas efpalhando ao vento frio ;
 Toca , Frondelio , toca a doce lira ,
 Que daquelle verde alamo fombrio ,
 A branda Filomela entristecida ,
 Ao faudofo canto te convida .

FRONDELIO.

AQUELLE dia as agoas nam goftaraõ ;
 As mimofas ovelhas , & os cordeiros ,
 O campo encheraõ de amorofos gritos ,
 Nam fe dependuraraõ dos falgueiros
 As cabras de trifteza , mas negaraõ
 O pasto a fi , & o leite aos çabritos ,

Prodigios infinitos
 Mostrava aquelle dia ,
 Quando a Parca queria
 Principio dar ao fero caso triste ,
 E tu tambem , ô corvo , o descobriste ;
 Quando da mão direita em voz escura ,
 Voando repetiste
 A tyrannica ley da morte dura.
 TIONIO meu , o Tejo cristalino ,
 E as arvores , que já desamparaste ,
 Choraõ o mal de tua ausencia eterna :
 Nam sei porque tam cedo nos deixaste ;
 Mas foi consentimento do destino ,
 Por quem o mar , & a terra se governa :
 E a noite sempiterna ,
 Que tu tam cedo viste ,
 Cruel , acerba , & triste ,
 Se quer de tua idade , nam te dêra ,
 Que logrâras a fresca primavera ?
 Nam usara com nosco tal crueza ,
 Que nem nos montes fera ,
 Nem pastor ha no campo sem tristeza.
 Os FAUNOS , certa guarda dos pastores ,
 Já nam seguem as Ninfas na espeffura ,
 Nem as Ninfas aos cervos daõ trabalho ,
 Tudo , qual ves , he cheo de tristura :
 A's abelhas o campo nega as flores ,
 E às flores a Aurora nega o orvalho ;
 Eu , que cantando espalho
 Tristezas todo o dia ,

A frauta , que sohia
 Mover as altas arvores tangendo ,
 Se me vai de tristeza enrouquecendo ,
 Que tudo vejo triste neste monte ,
 E tu tambem correndo ,
 Manas envolta & triste , ò clara fonte.

AS TAGIDES no rio , & na aspereza
 Do monte as Oreadas conhecendo ,
 Quem te obrigou ao duro , & fero Marte :
 Como gèral sentença vaõ dizendo ,
 Que nam pòde no mundo haver tristeza ,
 Em cuja causa amor nam tenha parte ;

 Porque assi desta arte
 Nos olhos faudosos ,
 Nos passos vagarosos ,
 No rosto , a que o amor , & a fantasia ,
 Da pallida viola lhe tingia ,
 A todos de si dava final certo ,
 Do fogo , que trazia ,
 Que nunca soube amor ser encuberto.

JA DIANTE dos olhos lhe voavão
 Imagens & fantasticas pinturas ,
 Exercicios do falso pensamento :
 E pelas solitarias espeffuras ,
 Entre os penedos sòs , que nam falavão ,
 Falava , & descubria seu tormento ;
 Num longo esquecimento ,
 De si todo embebido ,
 Andava tam perdido ,
 Que quando algum Pastor lhe perguntava ,

A causa de tristeza , que mostrava ,
 Como quem para penas sò vivia ,
 Sorrindo lhe tornava ,
 Senam vivesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalou ,
 E tanto no seu rosto se mostrasse ,
 Entendido mui bem do pay sesudo ,
 Porque do pensamento lho tirasse ,
 Longe da causa delle o apartou ,
 Porque em fim longa ausencia acaba tudo ;

 Mas ò tu Marte rudo ,
 Das vidas cobiçoso ,
 Que aonde o generoso

Feito resuscitava em tanta gloria ,
 De seus antecessores a memoria ,
 Alli fero , & cruel lhe destruiu ,
 Por injusta vitoria ,
 Primeiro , que o cuidado , a vida triste :

 PARECEME , Tionio , que te vejo ,
 Por tingires a lança cobiçoso ,
 Naquelle infido sangue Mauritano ,
 Em Hispano ginete bellicoso ,
 Que ardendo tambem vinha no desejo ;
 De derrubar por terra o Tingitano ;

 Oh confiado engano !
 Oh encurtada vida !

 Que a virtude oprimida
 Da multidão forçosa do inimigo ,
 Nam pôde defenderse do perigo ;
 Porque assi o destino o permitio ,

E assi levou consigo ,
 O mais gentil pastor , que o Tejo vio .
 Q U A L o mancebo Euryalo enredado ,
 Entre o poder dos Rutulos fartando
 As iras , da soberba , & dura guerra ,
 Do cristalino rosto a cor mundando ,
 Cujo purpureo sangue derramado ,
 Pelas alvas espaldas tinge a ferra ,
 Que como flor , que a terra
 Lhe nega o mantimento ,
 Porque o tempo avarento ,
 Tambem o largo humor lhe tem negado ,
 O collo inclina languido , & cansado ;
 Tal te pinto Tionio dando o espirito ,
 A quem to tinha dado ,
 Que este he semente eterno , & infinito .
 D A boca congelada a alma pura ,
 Co nome juntamente da inimiga ,
 E excellente Marfida derramava ;
 E tu , gentil senhora , nam te obriga
 A pranto sempiterno a morte dura ,
 De quem por ti semente a vida amava ?
 Por ti aos eccos dava
 Acentos numerosos ,
 Por ti aos bellicosos
 Exercicios se deo do fero Marte ,
 E tu ingrata , o amor ja noutra parte
 Porás , como acontece , ô fraco intento ,
 Que emfim desta mesma arte ,
 Se muda o feminino pensamento .

PASTORES deste valle ameno , & frio ,
 Que de Tionio o caso desfezrado
 Quereis nas altas ferras , que se cante :
 Hum tumulo , de flores adornado ,
 Lhe edificai ao longo deste rio ,
 Que a vella enfree ao duro navegante :
 E ao lasso caminhante ,
 Vendo tamanha magoa ,
 Arraze os olhos de agoa ,
 Lendo na pedra dura o verso escrito ,
 Que diga assi , Memoria sou que grito ,
 Para dar testemunho em toda a parte ,
 Do mais gentil espirito ,
 Que tiraraõ do mundo amor , & Marte.

U M B R A N O .

QUAL o quiẽto sono aos cansados ,
 Debaixo d'alguma arvore sombria ,
 Ou qual aos sequiosos ; & encalmados ,
 O vento respirante , a fonte fria ,
 Taes me foraõ teus versos delicados ,
 Teu numerofo canto , & melodia ;
 E ainda agora o tom suave & brando ,
 Os ouvidos me fica adormentando .

EM QUANTO os peixes humidos tiverem
 As arenosas covas deste rio ,
 E correndo estas agoas conhecerem
 Do largo mar o antigo senhorio :
 E em quanto estas ervinhas pasto derem
 A's petulantes cabras , eu te fio
 Que em virtude dos versos , que cantaste ,

Sempre viva o pastor , que tanto amaste,
 MAS JA que pouco a pouco o Sol nos falta,
 E dos montes as sombras se acrescentão ,
 De flores mil o claro Ceo se esmalta ,
 Que tam ledas aos olhos se apresentão ,
 Levemos pelo pè desta ferra alta ,
 Os gados , que já agora se contentão ,
 Do que comido tem , Frondelio amigo ;
 Anda que atè o outeiro irei contigo.

FRONDELIO.

ANTES por este valle, amigo Umbrano ;
 Se te aprouver , levemos as ovelhas ,
 Que se eu por defacerto nam me engano ,
 Daqui me soa hum ecco nas orelhas :
 O doce accento nam parece humano ,
 E se tu neste caso me aconselhas ,
 Eu quero ver daqui , que coufa seja ,
 Que o tom me espanta, & a voz me faz enveja.

UMBRANO.

CONTIGO vou , que quanto mais me chego
 Mais gentil me parece a voz , que ouviste ,
 Peregrina , excellente , & nam te nego ,
 Que me faz cà no peito a alma triste :
 Vès como tem os ventos em sossego ?
 Nenhum rumor da ferra lhe resiste ,
 Nenhum passaro voa , mas parece
 Que do canto vencido lhe obedece.

POREM , irmão , melhor me parecia ,
 Que nam fossemos là , que estorvaremos :
 Mas subidos nesta arvore sombria ,

Todo

Todo o valle daqui descubriremos :
 Os curroens , & cajados todavia ,
 Neste comprido tronco penduremos ,
 Para subir , fica homem mais ligeiro ,
 Deixame tu Frondelio ir primeiro .

FRONDELIO.

ESPERA assi , dartehei de pè , se queres ,
 Subiràs sem trabalho , & sem ruido ,
 E despois que subido là estiveres ,
 Dar-mehas a maõ de cima , que he partido ;
 Mas primeiro me dize , se puderes
 Ver , donde nasce o canto nunqua ouvido ,
 Quem lança o doce acento delicado :
 Fala , que já te vejo estar pasmado .

UMBRANO.

COUSAS nam costumadas na espessura ,
 Que nunqua vi , Frondelio , vejo agora ,
 Fermosas Ninfas vejo na verdura ,
 Cujos divinos gestos o Ceo namora :
 Huma de defusada fermosura ,
 Que das outras parece ser senhora ,
 Sobre hum triste sepulcro nam cessando
 Está perlas dos olhos destilando .

DE TODAS estas altas femideas ,
 Que em torno estaõ do corpo sepultado ,
 Humas regando as humidas arêas ,
 De flores tem o tumulo adornado :
 Outras queimando lagrimas Sabêas ,
 Enchem o ar de cheiro sublimado ,
 Outras em ricos paños mais avante ,



Envolvem brandamente hum novo infante.

HUMA, que d'antre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristecêraõ,
Diz, que despois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sòmente merecêraõ :

Que este penhor charissimo ficou!
Daquelle, a cujo Imperio obedecêraõ
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tè o remoto mar da Taprobana.

DIZ MAIS, que se encontrar este minino,
A noite intempestiva amanhecendo,
Que o Tejo agora claro, & cristalino,
Tornarà a fera Alecto em vulto horrendo;
Mas se for conservado do destino,
Que as estrellas beninas prometendo
Lhe estaõ o largo pasto de Ampelusa,
Co monte, que em mao ponto vio Medusa.

ESTE prodigio grande a Ninfa bella,
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclipçada clara estrella,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella,
A quem sò n'alma toca a graõ desdita:
Dacà, Frondelio, a maõ, & sobe a ver,
Tudo o mais que eu de dor nam sei dizer.

FRONDELIO.

OH TRISTE morte, esquiva, & mal ollhada,
Que a tantas fermosuras injurias,
Daquelle Deosa bella, & delicada,
Se quer algum respeito ter devias :

Está he por certo Aonia, filha amada
Daquelle graõ pastor, que em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibêro,
Espanta o morador do Euxino fero.

MORREOLHE o excellente, & poderoso,
(Que a isto está fugeita a vida humana)

Doce Aonio de Aonia caro esposo,

Ah ley dos Fados aspera, & tyrana!

Mas o som peregrino, & piedoso,

Com que a fermosa Ninfa a dor engana;

Escuta hum pouco, nõta, & vê Umbrano,

Quão bem que soa o verso Castelhana.

A O N I A.

ALMA, y primero amor del alma mia,

Espiritu dichoso, em cuya vida,

La mia estuvo, em quanto Dios queria;

Sombra gentil de su prision salida,

Que del mundo a la patria te bolviste,

Donde fuisse engendada, y procedida;

Recibe allà el sacrificio triste,

Que te ofrecem los ojos, que te vieron,

Si la memoria dellos no perdiste,

Que pues los altos cielos permitieron,

Que no te acompañasse en tal jornada,

Y para ornase solo a ti quisieron:

Nunca permitiràn, que acompañada

De mi no sea esta memoria tua,

Que está de tus despojos adornada.

Ni dexcràn, por más que el tiempo huya,

De estar em mi com sempiterno llanto,

Hasta que vida, y alma se destruya,
 Mas tu gentil espíritu entretanto,
 Que otros campos, y flores vâs pisando,
 Y otras çamponâs oyes, y otro canto;
 Aora embevecido estès mirando
 Allà en el Empireo aquella idea,
 Que el mundo enfrea, y rige con su mando:
 Aora te posea Cytherea,
 En su tercero assiento, ò porque amaste,
 O porque nueva amante allà te sea:
 Aora el Sol te admire, si miraste,
 Como vâ por los signos encendido,
 Las tierras alumbrando, que dexaste:
 Si en ver estos milagros no has perdido
 La memoria de mi, ò fue en tu mano
 No passar por las agoas del olvido;
 Buelve un poco los ojos a este llano,
 Veràs una, que a ti con triste lloro,
 Sobre este marmol sordo llama en vano:
 Pero se entraren en los signos de oro
 Lagrimas, y gemidos amorosos,
 Que muevan el supremo santo coro,
 La lumbrè de tus ojos tan hermosos,
 Yo la verè muy presto, y podrè verte,
 Que a pesar de los hados enojosos,
 Tambien para los tristes huyo muerte.



E C L O G A II.

ALMENO & AGRARIO.

AO LONGO do sereno
 Tejo suave , & brando ,
 Num valle de altas arvores sombrio ,
 Estava o triste Almeno
 Suspiros espalhando
 Ao vento , & doces lagrimas ao rio ,
 No derradeiro fio
 O tinha a esperanza ,
 Que com doces enganos
 Lhe sustentara a vida tantos annos ,
 Numa amorosa , & branda confiança ,
 Que quem tanto queria ,
 Parece que nam erra se confia.
 A NOITE escura dava
 Repouso aos cansados
 Animais , esquecidos da verdura :
 O valle triste estava
 Cuns ramos caregados ,
 Que a noite fazião mais escura :
 Mostrava a espessura
 Hum temeroso espanto ;
 As roucas rãs soavão ,
 Num charco de agoa negra , & ajudavão ,
 Do passaro nocturno o triste canto :
 O Tejo com som grave ,

V iij



Corria mais medonho, que suave.
 COMO TODA a tristeza,
 No silencio consiste;
 Parecia que o valle estava mudo,
 E com esta graveza
 Estava tudo triste,
 Porem o triste Almeno mais que tudo:
 Tomando por escudo
 De sua doce pena,
 Para poder soffrella,
 Estar imaginando a causa della:
 Que em tanto mal he cura bem pequena,
 Mayor he o tormento,
 Que toma por alivio o pensamento.
 AO RIO SE queixava,
 Com lagrimas em fio,
 Com que as ondas creciao outro tanto,
 Seu doce canto dava,
 Tristes agoas ao rio,
 E o rio triste som ao doce canto:
 Ao cansado pranto,
 Que as agoas refreava,
 Responde o valle umbroso:
 Da mansa voz o acento temeroso
 Na outra parte do rio retumbava,
 Quando da fantasia,
 O silencio rompendo, assi dizia.
 A L M E N O.
 CORRE suave, & brando,
 Com tuas claras agoas,

Sahidas de meus olhos (doce Tejo)
 Fê de meus males dando ,
 Para que minhas magoas
 Sejaõ castigo igual de meu desejo ;
 Que pois em mi nam vejo
 Remedio , nem o espero ,
 E a morte se despreza
 De me matar , deixandome à crueza
 Daquella , por quem meu tormento quero ,
 Saiba o mundo meu dano ,
 Porque se defengane em meu engano .
 J A Q U E minha ventura ,
 Ou quem me a causa ordena ,
 Que por paga da dor tome soffrella ,
 Serà mais certa cura ,
 Para tamanha pena ,
 Desesperar de haver já cura nella :
 Porque se minha estrella ,
 Causou tal esquivança ,
 Confinta meu cuidado ,
 Que me farte de ser desesperado ,
 Para defenganar minha esperança ,
 Que para isso nasci ,
 Para viver na morte , & ella em mi .
 N A M C E S S E meu tormento
 De fazer seu officio ,
 Que aqui huma alma tem ao jugo atada ,
 Nem falte o sofrimento ,
 Porque parece vicio ,
 Para tam doce mal , faltarme nada !

Oh Ninfa delicada ,
Honra da natureza ,
Como pôde isto ser ,
Que de tam peregrino parecer ,
Pudesse proceder tanta crueza ?
Nam vem de nenhum geito ,
Da causa divinal contrario effeito.
Pois como pena tanta
He contra a causa della ?
Fôra he de natural minha tristeza ;
Mas a mi que me espanta ,
Nam basta ô Ninfa bella ,
Que pôdes perverter a natureza ?
Nam he a gentileza
De teu geito celeste
Fôra de natural ?
Nam pôde a natureza fazer tal ,
Tu mesma , bella Ninfa , te fizeste ,
Porém porque tomaste
Tam dura condiçãõ , se te formaste ?
POR TI alegre o prado
Me he pesado , & duro ,
Abrolhos me parecem suas flores ;
Por ti do manso gado ,
Como de mi nam curo ,
Por nam fazer offensa a teus amores ,
Os jogos dos pastores ,
As lutas entre a rama ,
Nada me faz contente ,
E sou já do que fui tam diferente ,

Que quando por meu nome algué m'chama ,
 Pasmo quando conheço ,

Que inda comigo mesmo me pareço.

O C A D O , que apacento ,
 Saõ n'alma meus cuidados ,

E as flores , que no campo sempre vejo ,

Saõ , no meu pensamento ,
 Teus olhos debuxados ,

Com que estou enganando meu desejo :

As agoas frias do Tejo ,

De doces se tornaraõ

Ardentes , & salgadas ,

Depois que minhas lagrimas cansadas ,

Com seu puro licor se misturaraõ :

Como quando mistura

Hypanis co Exampeo sua agoa pura.

SE AHI NO mundo houvesse ;

Ouviresme alguma hora ,

Affentada na praya deste rio ,

E de arte te dissesse ,

O mal , que passo agora ,

Que pudesse moverte o peito frio !

O quanto desvario ,

Que estou afigurando !

Já agora meu tormento

Nam pôde pedir mais ao pensamento ,

Que este fantasiar , que imaginando

A vida me reserva ,

Querer mais de meu mal será soberba.

JÁ A ESMATAEDA AURORA

Descobre o negro manto
 Da sombra , que as montanhas encubria,
 Descansa , frauta , agora ,
 Que meu cansado canto ,
 Nam merece , que veja o claro dia ,
 Nam canse a fantasia .
 De estar em si pintando
 O gesto delicado ,

Em quanto traz ao pasto o manso gado ,
 Este pastor , que là sò vem fallando :
 Calarmehei sòmente ,
 Que meu mal nem ouvir se me consente .

A G R A R I O , *Pastor.*

FERMOSA manhaã clara , & deleitosa ,
 Que como fresca rosa na verdura ,
 Te mostras bella , & pura , marchetando
 As Ninfas , espalhando seus cabellos
 Nos verdes montes bellos , tu sò fazes ,
 Quando a sombra desfazes , triste , & escura,
 Fermosa a espestura , & fresca a fonte ,
 Fermofo o alto monte , & o rochedo ,
 Fermofo o arvoredado , & deleitoso ,
 Em fim tudo fermofo com teu rosto ,
 D'ouro , & rosas composto , & claridade.
 Trazes a faudade ao pensamento ,
 Mostrando n'hum momento o roxo dia ,
 Com a doce harmonia nos cantares
 Dos passaros a pares , que voando ,
 Seu pasto andão buscando nos raminhos
 Para os amados ninhos , que mantem .

Oh grande, & fimo bem da natureza,
 Eſtranha ſutiliza de pintora,
 Que matiza n'huma hora de mil cores
 O Ceo, a terra, as flores, monte, & prado;
 Oh tempo já paſſado, quam presente
 Te vejo abertamente na vontade,
 Quamaulha faudade tenho agora
 Do tempo, que a paſtora minha amava,
 E de quanto prezava minha dor:
 Então tinha o amor mayor poder,
 Então num ſõ querer nos igualava,
 Porque quando hũ chamava, a quem queria;
 O ecco reſpondia de aſſeição,
 No brando coração da doce imiga,
 Neſta amorofa liga concertavaõ,
 Os tempos, que paſſavaõ com prazeres,
 Moſtrava a flava Ceres polas eiras,
 Das brancas ſementeiras lèdo fruto,
 Pagando ſeu tributo aos lavraõdores,
 E enchia aos paſtores todo o prado,
 Pales do manſo gado guardadora:
 Zefiro, & freſca Flora paſſeando,
 Os campos eſmaltando de boninas:
 Nas agoas cristalinas triſte eſtava
 Narcifo, que inda olhava na agoa pura,
 Sua linda figura delicada:
 Mas Ecco namorada de ſeu gèſto,
 Com pranto manifeſto, ſeu tormento
 No derradeiro acento lamentava;
 Alli tambem ſe achava o ſangue tinto

Do purpureo Jacintho , & o destroço
 De Adonis , lindo moço , morte fea ,
 Da bella Cytherèa tam chorada ,
 Toda a terra emaltada destas rofas ,
 Alli as Ninfas fermosas pellos prados ,
 Os Faunos namorados apoz ellas ,
 Mostrandolhe capellas de mil cores ,
 Que faziaõ das flores , que colhião ,
 As Ninfas lhe fugião amedrentadas ,
 As fraldas levantadas pellos montes ,
 A fresca agoa das fontes espalharfe ;
 Vertumno transformarse alli se via ,
 Pomona , que trazia os doces fruytos ,
 Alli pastores muitos , que tangião
 As gaitas , que trazião , & cantando
 Estavão enganando suas penas ,
 Tomando das Sirenas o exercicio ,
 Ouviafe Salicio lamentarse ,
 Da mudança queixarse crua , & fea ,
 Da dura Galathea tam fermosa ,
 E da morte envejosa Nemeroso ,
 Ao monte cavernoso se querella ,
 Que sua Elisa bella em pouco espaço ,
 Cortara inda em agraco a dura forte.
 O' immatura morte , que a ninguem
 De quantos vidas tem , nunca perdoas !
 Mas tu tempo , que voas apressado ,
 Hum delectoso estado , quam asinha
 Nesta vida mesquinha transfiguras
 Em mil desaventuras , & a lembrança ,

Nos

Nos deixas por herança do que levas,
 Assi que se nos cevas com prazeres,
 He para nos comeres no melhor,
 Cada vez em peor te vãs mudando,
 Quanto vens inventando, que hoje aprovas;
 Logo à manhaã reprovos com instancia,
 Oh estranha inconstancia, & tam profana,
 De toda a causa humana inferior,
 A quem o cego error sempre anda anexo!
 Mas cu de que me queixo, ou o que digo?
 Vive o tempo comigo, ou elle tem
 Culpa no mal, que vem da cega gente?
 Por ventura elle sente, ou elle entende
 Aquillo, que defende o ser divino?
 Elle usa de continuo seu officio,
 Que já por exercicio lhe he devido;
 Dânos fructo devido na fazão
 Do fermoso verão, & no inverno,
 Com seu humor eterno congelado,
 Do vapor levantado co a quentura
 Do Sol à terra dura lhe dà alento,
 Para que, o mantimento produzindo,
 Estê sempre cumprindo seu costume,
 Assi que nam consume de si nada,
 Nem muda da passada vida hum dedo;
 Antes sempre estã quedo no devido,
 Porque este he seu partido, & sua usança.
 E nelle esta mudança he mais firmeza:
 Mas quem a ley despreza, & pouco estima,
 De quem de là de cima estã movendo

O Ceo sublime , & horrendo , o mundo puro
E muda o seguro , & firme estado
Do tempo , nam mudado da verdade.
Nam foi naquella idade de ouro claro ,
O firme tempo caro , & excellente ?
Vivia entãõ a gente moderada ,
Sem fer a terra arada dava paõ ,
Sem fer cavado o chaõ as frutas dava ,
Nem chuva desejava , nem quentura ,
Supria entãõ natura o necessario :
Pois quem foi tam contrario a esta vida ?
Saturno , que , perdida a luz serena ,
Causou , que em dura pena desterrado ,
Fosse do Ceo deitado onde vivia ,
Porque os filhos comia , que gèrava ,
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal , & assi decendo
Nos veyo assi trazendo a este estado.
Mas eu defatinado adonde vou ?
Para onde me levou a fantasia ?
Que estou gastando o dia em vãs palavras ?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao manso Tejo brando , porque achar
No mundo , que emendar , nam he de agora ,
Basta que a vida fõra delle tenho ,
Com meu gado me avenho , estou contente ,
Porèm se me nam mente a vista , eu vejo
Nesta praya do Tejo estar deitado
Almeno , que enlevado em pensamentos ,
As horas , & momentos vai gastando ,

Par'elle vou chegando sò por ver
 Se poderei fazer , que o mal que sente ,
 Hum pouço se lhe ausente da memoria.

A L M E N O *sonhando.*

OH DOCE pensamento , ò doce gloria ,
 Saõ estes por ventura os olhos bellos ,
 Que tem de meus sentidos a vitoria ?
 Saõ estas , Ninfa , as tranças dos cabellos ,
 Que fazem de seu preço o ouro alheo ,
 E a mi de mi mesmo sò com vellos ?

He esta a alva coluna , o lindo esteo ,
 Sustentador das obras mais que humanas ,
 Q' eu nos meos braços tenho , & nam no creõ ?

Ah falso pensamento , que me enganas ,
 Fazefine pòr a boca onde nam devo ,
 Com palavras de doudo , & quasi insanas.

Como alçarte tam alto assi me atrevo ?
 Taes azas , doutas eu , ou tu mas dás ?
 Levafine tu a mim , ou eu te levo ?

Nam poderei eu ir onde tu vàs ?
 Porèm pois ir nam posso onde tu fores ,
 Quando fores nam tornes onde estàs.

A G R A R I O.

OH QUE triste successo foi de amores ,
 O que a este pastor aconteceu ,
 Segundo ouvi contar a outros pastores ,
 Que tanto por seu dano se perdeo ,
 Que o longo imaginar em seu tormento ,
 Em defatino o amor lho converteo.

O' forçoço vigor do pensamento ,

X ij



Que pôde n'outra cousa estar mudando
 A forma , a vida , o fiso , o entendimento !
 Està-se hum triste amante transformando ,
 Na vontade daquella , que tanto ama ,
 De si sua propria effencia trasportando ;

E nenhuma outra cousa mais defama ,
 Que a si , se vê , que em si ha algum sentido ,
 Que deste fogo insano nam se inflama .

Almeno , que aqui està tam influido
 No fantastico sonho , que o cuidado
 Lhe traz sempre ante os olhos esculpido ;

Està selhe pintando de enlevado ,
 Que tem já da fantastica pastora
 O peito diamantino mitigado .

Em este doce engano estava agora ,
 Falando como em sonhos , mas achando
 Ser vento o que sonhava , grita , & chora .

Desta arte andavaõ sonhos enganando ,
 O pastor sonolento , que a Diana
 Andava entre as ovelhas celebrando .

Desta arte a nuvem falsa em forma humana
 O vaõ pay dos Centauros enganava
 (Que amor quando contenta sempre engana)

Como a este , que consigo sò falava ,
 Cuidando , que falava de enlevado
 Com quem lhe o pensamento figurava .

Nam pôde , quem quer muito , ser culpado
 Em nenhum erro , quando vem a fer
 O amor em doudice transformado .

Nam he amor , amor , se nam vier

Com doudices , deshonnas , diffençoens ,
 Pazes , guerras , prazer , & desprazer ,
 Perigos , linguas mãs , murmuraçoens ,
 Ciumes , arroidos , competencias ,
 Temores , mortes , nojos , perdiçoens :

Estas faõ verdadeiras penitencias

De quem poem o desejo onde nam deve ,
 De quem engana alheas innocencias.

Mas isto tem amor , que nam se escreve ,
 Senam onde he illicito , & cultofo ,
 E onde he mòr perigo , mais se atreve.

Passava o tempo alegre , & deleitoso ,
 O Troyano pastor , em quanto andava
 Sem ter alto desejo , & perigoso ,

Seus furiosos touros coroava ,
 E nos alamos altos escrevia ,
 Teu nome , Enone , quando a ti sò amava ,

Crecião os altos alamos , crecia
 O amor , que te tinha , sem perigo ,
 E sem temor contente te servia.

Mas despois que deixou entrar consigo
 Illicito desejo , & pensamento ,
 De sua quietação tam inimigo.

A toda a patria poz em detrimento ,
 Com mortes de parentes , & de irmãos ,
 Com crù incendio , & grande perdimento :

Nisto fenecem pensamentos vãos ,
 Tristes serviços mal galardoados ,
 Cuja gloria se passa d'entre as mãos.

Lgrimas , & suspiros arrancados



D'alma , todos se pagão com enganos ;
E oxalá foffem muitos enganados.

Andaõ com feu tormento tam ufanos ,
Gastando na doçura de hum cuidado ,
Apoz huma esperança tantos annos.

E qual ha tam perdido namorado ,
Tam contente co pouco , que daria
Por hum sò mover de olhos todo o gado ;

E em todo o povoado , & companhia ,
Sendo ausentes de si , estaõ presentes ,
Com quem lhe pinta sempre a fantasia ,

Com hum certo nam sei q' andaõ contentes ,
E logo hum nada os torna ao contrario ,
De todo o ser humano differentes.

Oh tyranico amor , ò caso vario ,
Que obriga a hum querer , que sempre seja
De si continuo , & aspero adversario !

E outra hora nenhuma alegte esteja ,
Se nam quando do feu despojo amado
Sua inimiga estar triunfando veja .

Quero fallar com este , que enredado
Nesta cegueira està , sem nenhum tento ;
Acorda já , Pastor defacordado.

A L M E N O .

Oh porque me tiraste hum pensamento ,
Que agora estava aos olhos debuxando ,
De quem aos meus foi doce movimento ?

A G R A R I O .

Nessa imaginação estás gastando
O tempo , & a vida , Almeno , ò perda grande ,

Nam vês quão mal os dias vãs passando ?

A L M E N O.

FERMOSOS olhos, ande a gente, & ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais, q' o tempo corra, & a morte mande.

A G R A R I O.

QUEM pudèra cuidar, que tam azinha
Se perca o curso assi do fiso humano,
Que corre por direita & justa linha ?
Que sejas tam perdido por teu dano,
Almeno irmão, nam he por certo aviso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

A L M E N O.

OH AGRARIO, que vendo o doce riso,
E o rosto tam fermoso, com esquivo,
O menos que perdi foi todo o fiso.
E nam entendo, desque fui cativo,
Outra cousa de mi, senam que mouro,
Nem isto entendo bem, pois inda vivo,
A' sombra deste umbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.

Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas ?

Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Nam choro por razão, mas por costume,
Já mais pude co Fado ter cautela,
Nem houve nunca em mi contentamento.

Que nam fosse trocado em dura estrella:

Que bem livre vivia, & bem izento,
Sem nunca fer ao jugo sometido,
De nenhum amoroso pensamento.

Lembre-me, Agrario amigo, que o sentido
Tam fôra de amor tinha, que me ria,
De quem por elle via andar perdido.

De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroava,
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava,
Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontece, affeiçoadas
Muitas Ninfas do rio, & da montanha.

Com palayras mimosas, & forjadas
Da solta liberdade, & livre peito,
As trazia contentes, & enganadas.

Mas nam querendo Amor, que deste geito
Dos coraçõens andasse triunfando,
Em quem elle criou tam puro effeito.

Pouco & pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente às mãos, de quem
Toda esta injuria agora està vingando.

A G R A R I O.

DESTE teu caso, Almeno, eu fei mui bem,
O principio & o fim, que Nemoroso,
Iffo tudo contado, & mais me tem.

Mas querote dizer, se o enganoso

Amor he costumado a desconcertos ;
 Que nunca amando fez pastor ditoso .

Já que nelle estes casos são tam certos ,
 Porque os estranhas tanto , que de magoa
 Te choraó as montanhas , & os desertos ?

Vejote estar gastando em viva fragoa ,
 E juntamente em lagrimas , vencendo
 A grão Sicilia em fogo , & o Nilo em agoa ,

Vejo que as tuas cabras , nam querendo
 Gostar as verdes hervas se emmagrecem ,
 As tetas aos cabritos encolhendo .

Os campos , que co tempo reverdecem ,
 Os olhos alegrando descontentes ,
 Em te vendo parece , que entristecem ,

Todos os teus amigos , & parentes ,
 Que lá da ferra vem por consolar-te ,
 Sentindo n'alma a pena , que tu sentes :

Se querem de teus males apartarte ,
 Deixando a casa , & gado , vãs fugindo ,
 Como cervo ferido , a outra parte .

Nam vês que Amor as vidas consumindo
 Vive sò de vontades enlevadas ,
 No falso parecer de hum gesto lindo ?

Nem as hervas das agoas desejadas
 Se fartão , nem de flores as abelhas ,
 Nem este Amor de lagrimas cansadas .

Quantas vezes , perdido entre as ovelhas ,
 Chorou Febo de Dafne as esquivanças ,
 Regando as flores brancas , & vermelhas ?
 Quantas vezes as asperas mudanças ,

O namorado Gallo tem chorado ,
De quem o tinha envolto em esperanças ?

Estava o triste amante recoftado ,
Chorando ao pè de hum freixo o triste caso ,
Que o falso amor lhe tinha destinado ,

Por elle o sacro Pindo , & graõ Parnaço
Na fonte de Aganipe distilando ,
O fazião de lagrimas hum vaso .

Vinha o intonso Apollo alli culpando
A fobeja tristeza perigofa ,
Com asperas palavras reprovando .

Gallo , porque endoudeces , que a fermofa
Ninfa que tanto amaste , descubriendo
Por falsa a fê , que dava , & mentirofa ,

Polas Alpinas neves vai seguindo
Outro amor , outro bem outro defejo ,
Como inimiga em fim de ti fugindo .

Mas o misero amante , que o defejo
Mal empregado , Amor lhe defendia ,
Ter de tamanha fê vergonha , ou pejo ;

Da falsifica Ninfa nam sentia ,
Senam , que o frio do gelado Rheno ,
Os delicados pès lhe offenderia .

Ora se tu vès claro , amigo Almeno ,
Que de Amor os defastres faõ de forte ,
Que para matar basta o mais pequeno .

Porque nam poés hũ freyo a mal tam forte ,
Que em estado te poem , que sendo vivo ,
Jã nam se entende em ti , vida , nem morte ?

A L M E N O .

AGRARIO, se do gèsto fugitivo,
 Por caso da Fortuna desestrado,
 Alguma hora deixar de ser cativo,
 Ou sendo para as Urfas degradado,
 Aonde Boreas tem o Oceano,
 Cos frios Hyperboreos congelado;
 Ou onde o filho de Clymene infano
 Mudando a cor das gentes totalmente;
 As terras apartou do trato humano;
 Ou se por qualquer outro accidente
 Deixar este cuidado tam ditoso,
 Por quem sou, de ser triste, tam contente;
 Este rio, que passa deleitoso,
 Tornando para traz irà negando
 A' natureza o curso presuroso:
 As feras pelo mar irão buscando
 Seu pasto, andarse haõ pola espessura,
 Das hervas os Delfins apacentando.
 Ora se tu ves n'alma quaõ segura
 Tenho esta fê, & amor, para que insistes
 Nesse conselho, & pratica tam dura?
 Se de tua porfia nam disistes,
 Vaite pastar teu gado a outra parte,
 Que he dura a companhia para os tristes:
 Huma sò cousa quero encomendarte,
 Para repouso algum de meu engano,
 Antes, que o tempo em fim de mi te aparte,
 Que se esta fera, q' anda em trajo humano,
 Vires pela montanha a andar vagando,

De meu despojo rica , & de meu dano ;
 Com os vivos espiritos inflamando
 O ar , o monte , & a ferra , que consigo
 Continuamente leva namorando :

Se queres contentarme como amigo ,
 Passando lhe diràs , gentil pastora ,
 Nam ha no mundo vicio , sem castigo.

Tornada em duro marmore nam fora,
 A fera Anaxerete , se amoroso
 Mostrara o rosto angelico algum hora :
 Foi bem justo o castigo riguroso ;
 Porém quem te ama , Ninfa , nam queria
 Noda tam fea em gesto tam fermoso.

A G R A R I O.

TUDO farei , Almeno , & mais faria ,
 Por te ver algum dia descansado ,
 Se se acabão trabalhos algum dia.

Mas bem vês como Febo já empinado
 Me manda , que da calma iniqua , & crua
 Recolha em algum valle o manso gado ;

Tu nessa fantasia falsa , & nua ,
 Para engano mayor de teu perigo ,
 Nam queres companhia senam sua.

Voume daqui , & fique Deos contigo ,
 E ficaràs melhor acompanhado.

A L M E N O.

ELLE contigo vâ , como comigo
 Me fica acompanhando meu cuidado.

T

ECLOGA III.

E C L O G A III.

DE ALMENO & BELISA,

continuando com a passada.

PASSADO já algum tempo, que os amores
 De Almeno, por seu mal, eraõ passados,
 Porque nunca Amor cumpre o q̃ promete,
 Entre hums verdes ulmeiros apartados,
 Regando pelo tempo as brancas flores,
 Em lagrimas cansadas se derrete,
 Quando a linda pastora, que compete
 Co monte em aspereza,
 Co prado em gentileza,
 Por quem o triste Almeno endoudecia,
 Fella praya do Tejo discurria
 A lavar a beatilha, & o trançado;
 Já o Sol consentia,
 Que sahisse da sombra o manso gado.

E ACORDADO já do pensamento,
 Que tam desacordado o sempre teve,
 Vio por acerto o bem, que incerto tinha,
 E porque donde Amor a mais se atreve,
 Alli mais enfraquece o entendimento,
 Nam lhe soube dizer, o que convinha;
 Como homem, que à aprazada briga vinha,
 A quem de fõra engana
 A confiança humana,

E depois vendo o rosto, a quem resiste,
 Treme, teme o perigo, & nam insulste,

Tom. II.

X

Já se arrepende , a audacia lhe fallece ,
 Desta arte o pastor triste ,

Ousa , arrecea , esforça , & enfraquece.

E TENDO allí atonito o sentido ,

Cometeo com furor defatinado ,

E tirou da fraqueza coração :

Cometimento foi desesperado ,

Que huma sò salvação tem hum perdido ,

Perder toda a esperança à salvação ,

As magoas , que passarão se dirão.

Mas as que ella dizia ,

Lembrandolhe , que via

As agoas murmurar do Tejo amenas ,

Remeto a vòs , ô Tagides Camenas ,

Que de magoa nam posso dizer tanto ,

Porque em tamanhas penas ,

Me canfa a pena , & a dor me impede o canto.

B E L I S A .

QUE ALEGRE campo , & praya deleitosa ,

E quam saudosa faz esta espessura ,

A fermosura angelica , & serena ,

Da tarde amena , & quam saudosamente

A festa ardente abranda , suspirando

De quando em quando o vento alegre , & frio ,

No fundo rio os mudos peixes saltao ,

No ar se esmaltão os Ceos d'ouro , & verde ,

B Febo perde a força da quentura ,

Pola espessura levaõ passeando

O gado brando , ao som das çanfoninas ,

Pifando as finas & fermosas flores ,

Os guardadores, que cantando o gesto
 Fermoſo & honeſto das paſtoras, que amão,
 Ao ar derramão mil ſuſpiros vãoſ,
 Hum louva as mãos, & outro os olhos bellos,
 Outro os cabellos de outro, em ſom ſuaue,
 A amorofa ave leva o contraponto,
 Mas ò que conto, & ſaudoſa hiſtoria,
 Que na memoria aqui ſe me offerece!
 Señam me eſquece, já neſte lugar
 Ouvi ſoar nos valles, algum dia,
 E reſpondia o ecco o nome em vão
 Num coração, Belifa retumbando;
 Eſtjou cuidando como o tempo paſſa,
 E quam eſcaſſa he toda alegre vida,
 E quam cumprida quando he triſte, & dura:
 Neſta eſpeſſura longo tempo amei,
 Se me enganei, com quem do peito amava,
 Nam me peſava de ſer enganada,
 Fui ſalteada emfim de hum pensamento,
 Que hum movimento tinha caſto, & ſam,
 Converſação foi fonte deſte engano,
 Que por meu dano entrou com falſa cor,
 Porque o amor na Ninfa, que he ſegura,
 Entra em figura de vontade honeſta,
 Mas que me preſta agora dar diſculpa,
 Se ahi houve culpa pola o firme amor,
 Sò num paſtor, que nunca o Sol, nem Lua,
 Ou ſerra algũa deſde o Ibero ao Indo,
 Outro tam lindo virão, tam manhoso,
 Neſte amoroso eſtado, & ſe que tinha,



Que n'alma minha tam secretamente ,
 Vivi contente amando , & encobrando ,
 Elle fingindo mentirofos danos ,
 Que faó enganos , que nam custáo nada ,
 Tendo alcançada já no entendimento ,
 A fê , & intento meu sò nelle posto ,
 Que logo o rosto mostra os coraçãoes ,
 E as affeçoens cos olhos se praticão ,
 Que mais se publicão muito , que palavras
 Com suas cabras sempre à parte vinha ,
 Onde eu manrinha os olhos , & o desejo.
 Tu manso Tejo , & tu florido prado ,
 Do mais passado emfim , que aqui nam digo,
 Sereis me obrigo testemunho certo ,
 Que descuberto vos foi tudo , & claro.
 Oh tempo avaro , ó forte nunca igual !
 Quamanho mal quereis à humana gente ,
 Porque hum contente estado assi trocades !
 Vòs me tirastes , do meu peito isento ,
 O pensamento honesto , & repoufado ,
 Já dedicado ao coro de Diana.
 Vòs n'úa ufana vida me pusestes ,
 E alli quisestes que gozasse o dano
 Do doce engano , que se chama amor ,
 Com cujo error passava o tempo lèdo ;
 E vòs tam cedo me tirais hum bem ,
 Que amor já tem impresso n'alma minha.
 Despois que a tinha envolta em esperanças ,
 E com lembranças tristes me deixais ,
 Mal me pagais a fê , que sempre tive ;

Mas assi vive, quem sem dita nasce.
 Mas já que a face alegre o sol esconde,
 E nam responde a alguém a tantas magoas,
 Senam as agoas, que dos olhos saem,
 As sombras caem, & vãose as alimárias
 Das ervas varias fartas, seu caminho
 Buscando o ninho os passaros sem dono,
 Já pelo sono esquecem o comer,
 Quero esquecer tambem tam doce historia,
 Pois he memória, que traz mór cuidado,
 Isto he passado, & se me deo paixão,
 Os dias vão gastando o mal, & o bem,
 E nam convem quererme magoar,
 Do que emmendar nam posso já com magoas;
 Nas claras agoas deste rio brando,
 Que vão regando o campo matizado,
 Este trançado lavar quero em fim,
 Que já de mi me esqueço co a lembrança
 Desta mudança, que esquecer nam sei:
 Bem, que eu virei mudar opinião,
 Que em fim são homés a que o esquecimento
 Depressa faz mudar o pensamento.

A L M E N O.

SE A vista nam me enganava a fantasia,
 Como já me enganou mil vezes, quando
 Minha ventura enganos me soffria;
 Parece-me, que vejo estar lavando
 A húa Ninfa hum vêo no claro Tejo,
 Que se me está Belisa afigurando.
 Nam pôde ser verdade isto que vejo,

Que facilmente aos olhos se afigura
Aquillo, que se pinta no desejo.

Oh acontecimento, que a ventura
Me dà para môr dano, esta he por certo,
Que nam he d'outrem tanta fermosura.

Se poderei falarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha, nam pôde ser, que o rio
Para acolà nam tem caminho aberto.

Oh temor grande, ô grande desvario!
Que a voz me impede, & a lingua negligente
Delta arte està tornando o peito frio.

De quanto me sobeja estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente,

Oh aspeito suave, & peregrino!
Pois como tam azinha assi se esquece,
Huma fê verdadeira, hum amor fino?

B E L I S A.

Oh altas semidêas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força nam merece.

Ou seja por vòs, Ninfas, reservada,
Ou n'algúa arvore alta, ou pedra dura,
Seja por vòs azinha transformada.

A L M E N O.

Ah Ninfa, nam te mudes a figura,
Nem Vòs Deofas queiraes, que eu seja parto
De se mudar tamanha fermosura.

Porque a quem falta a voz para fallarte,
E a quem fallece a lingua, & oufadia,

Tambem faltarão mãos para tocarte.

BELISA.

QUE me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua tam aspera comigo?

Minha vontade nam to merecia.

Se com amor o fazes, eu te digo,

Que amor, que tanto mal me faz em tudo,

Nam pôde ser amor, mas inimigo.

Nam es tu de saber tam falto, & rudo,

Que tam sem fiso amasses, como amaste.

ALMENO.

ONDE viste tu, Ninfa, amor fefudo?

Porque te nam alembra, que folgaste

Com meus tormentos tristes, & algum hora

Com teus fermosos olhos já me olbaste?

Como te esquece já, gentil pastora,

Que folgavas de ler nos freixos verdes,

O que de ti escrevia cada hora?

Como tam prestes a memoria perdes

Do amor, que me mostravas, que eu nam digo

Se o vds, ò altos montes, nam disferdes?

Porque te nam alembra do perigo,

A que sò por me ouvir te aventuravas,

Buscando horas de festa, horas de abrigo?

Co a maçan da discordia me tiravas,

Que a Venus, que a ganhou por fermosura,

Tu como mais fermosa lha ganhavas.

E escondendote entre a espessura,

Hias fugindo como vergonhosa

Da namorada, & doce travessura.

Nam era esta a maçan d'ouro fermosa,
Com que encuberta assi de astucia tanta,
Cidipe se enganou de cobiçosa.

Nem a que o curso teve de Athalanta,
Mas era aquella, com que Galathea
O pastor cativou, como elle canta.

Se mãs tençoens puserão noda fea,
Em nosso firme amor de enveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem desta fê, quem deste amor nam cura;
Nunqua teve sugeito o coração:
O firme amor, co alma eterna dura.

B E L I S A .

MAL conheces, Almeno huma affeição,
Que se eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.

Mas teu sobejo, & livre atrevimento,
E teu pouco segredo descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.

Vês as Ninfas do Tejo, que mudando
Me vão já pouco a pouco o claro gesto,
N'outra forma mais dura traspassando?

Hum sò segredo meu te manifesto,
Que te quiz muito, em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honesto;

E pois teu mau cuidado, & ousadia
Causou tam dura & aspera mudança,
Folgo, que muitas vezes to dizia.

Ficcate embora, & perde a confiança,
Que mais me nam verás, como já viste,

Que assi se defengana huma esperança.

A L M E N O.

Oh duro apartamento , ô vida triste ,
Oh nunca acontecida defventura !

Pois como , ô Ninfa , assi te despediste ?

Assi se ha de ir tornando sem ter cura ,
Nessa silvestre , & aspera dureza ,
Tam branda , & excellente fermosura ?

Tua nunca entendida gentileza
E teus membros assi se transformarão ,
Negando selhe a propria natureza ?

Desta arte teus cabellos se tornarão ,
Deixando já seu preço ao ouro fino ,
Em folhas , que a cor tem do , que negarão ?

Se este consentimento foi divino ,
Consintame tambem que perca a vida ,
Antes que a mais me obrigue o desatino.

Que se a Fortuna dura , embravecida ,
Tanto no meu tormento se desmede ,
Nam viva mais huma alma tam perdida.

E vòs feras do monte , pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro ,
Fartai já de meu fangue vossa sede.

E vòs pastores rudos deste outeiro ,
Porque a todos em fim se manifeste
Que cousa he amor puro , & verdadeiro ;

Ao pè deste funereo acipreste ,
Me fareis hum sepulcro sem arreo ,
De boninas , que o prado ameno veste ,
Com defusadas musicas de Orfeo .



Que me vòs cantareis , & desta forte
 Nam haverei inveja ao Maufoleo ;

E porque minha cinza se conforte
 Em vossos metros doces , & suaves ,
 As exequias fareis de minha morte :

Alli responderão as altas aves ,
 Nam modulas no canto , nem lascivas ,
 Mas de dor , hora roucas , hora graves.

Nam correrão as agoas fugitivas
 Alegres por aqui , mas faudofas ,
 Que pareção , que vem dos olhos vivas ,

Nacerão pelas prayas deleitosas
 Os asperos abrolhos , em lugar
 Dos roxos lirios , das pudicas rosas.

Nam traráo as ovelhas a pastar
 Derredor do sepulero os guardadores ,
 Que nam comerão nada de pezar.

Virão os Faunos , guarda dos pastores ,
 Se morri por amores preguntando ,
 Responderão os eccos , por amores.

Dos que por aqui forem caminhando ,
 Hum epitafio triste se lerà ,
 Que esteja minha morte declarando ;

E no tronco de huma arvore estará ,
 Numa ruda cortiça pendurado ,
 Escrito cuma fouce , alli dirà :

Almeno fui pastor de manso gado ,
 Em quanto o consentio minha ventura ,
 De Ninfas , & pastoras celebrado.

Se alguma hora por dita na espessura ,

O amor se perder , & a affeição ,
Tirem a pedra desta sepultura ,
E em figura de cinza os acharão.

E C L O G A I V .

FRONDOSO & DURIANO.

CANTANDO por hum valle docemente ,
Decião dous pastores , quando Febo
No Reyno de Neptuno se escondia :
De idade cada hum era mancebo ,
Mas velho no cuidado , & descontente ,
Do que lhe elle causava parecia :

O que cada hum dizia ,
Lamentando seu mal , seu duro fado ,
Nam sou eu tam oufado ,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda ;
Porque se a minha ruda

Frauta deste favor vosso for digna ,
Posso escusar a fonte Caballina.

EM VÒS tenho Helicon , tenho Pegaço ,
Em vòs tenho Caliòpe , em vòs Thalia ,
E as outras sete irmãas co fero Marte ,
Em vòs perde Minerva sua valia ,
Em vòs estão os fonzos de Parnaço ;
Das Pierides em vòs se encerra a arte ,

Co a mais pequena parte ,
Senhora , que me deis de ajuda vossa ,

Podeis fazer , que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente ,

Podéis fazer , que a gente
Em mi do grão poder voffo se espante ,
E que voffos louvores sempre cante.

P O D E I S fazer , que creça d'hora em hora
O nome Lusitano , & faça enveja
A Smirna , que de Homero se engrandeca ,
Podéis fazer tambem , que o mundo veja
Soar na ruda frauta , o que a sonora
Cithara Mantuana sò merece.

Jà agora me parece ,
Que pòdem começar os meus pastores
Tratar de seus amores ,
Porque inda que presentes nam estejam ,
As que elles ver defejão ,
Mudança do lugar , menos de estado ,
Nam muda hum coração de feu cuidado.

J A ' D E I X A V A dos montes a altura ,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol , quando Frondoso , & Duriano ,
Ao longo de hum ribeiro , que corria
Pela mais fresca parte da ver'ura ,
Claro , suave , & manso todo o anno ,
Lamentando feu dano ,
Vinha já recolhendo o manso gado ,
E hum estando calado ,
Em quanto hum pouco o outro se queixava ;
Apoz elle tornava
A dizer de feu mal , o que sentia ,
E em quanto elle fallava , o outro ouvia.
V I N H A O S E alli queixando aos penedos ,

Aos silvestres montes, & aspereza,
 Que quasi de seus males se dohião,
 Alli as pedras perdião sua dureza,
 Alli os correntes rios estar quedos,
 Prontos a tuas queixas parecião,

E sò, as que podião
 Estes males curar, que ellas causavão,
 O ouvido lhe negavão,
 Por perderem de todo a esperança,
 Mas elles, que mudança
 De amor com tantos males nam fazião,
 Fallando inda com ellas lhes dizião.

F R O N D O S O.

Isto he o que aquella verdadeira
 Fê, com que te amei sempre, merecia,
 Sem nunca te deixar hum sò momento?
 Como, cruel Belisa, te esquecia
 Hum mal, cuja esperança derradeira
 Em ti sò tinha posto seu assento?

Nam vias meu tormento?
 Nam vias tu a fê, com que te amava?
 Porque nam te abrandava,
 Este amor, que me tu tam mal pagaste?

Mas pois já me deixaste,
 Co a esperança de ti toda perdida,
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D Ú R I A N O.

Se os males, que por ti tenho sofrido,
 (O' Silvana em meus males tam constante)
 Quiseras, que alguma hora te dissera,



Ainda , que de duro diamante ,
 Fora teu cruel peito endurecido ,
 Creio , que à piedade te movera :

Já agora em branda cera

Os montes são tornados , & os penedos ,
 E os rios , que estão quedos ,
 Sentirão meus suspiros , minhas queixas ;
 Tu só , cruel , me deixas ,
 Que es mais , que montes , & penedos dura ,
 E fugitiva mais , que a agoa pura .

F R O N D O S O .

ONDE está aquella falla , que sohia
 Só com seu doce tom , que me chegava ,
 Avivar-me os espiritos cansados ?
 Onde está o olhar brando , que cegava
 O Sol resplandecente ao meyo dia ?
 Onde estão os cabellos delicados ,
 Que ao vento espalhados ,
 Escurecião o ouro , & a mim maravão ?
 E a quantos os olhavão ,
 Causavão também novos accidentes ?
 Porque cruel consentes ,
 Que goze outro da gloria a mi devida ?
 Perca , quem te perdeo , também a vida .

D U R I A N O .

NENHUM bem vejo , que a meu mal espere,
 Senam se he esperar , que morte dura ,
 Emfim me venha dar tua faudade :
 Vejo faltarme a tua fermosura ,
 A vontade me diz , que desespere ,

Contradizme a razão esta vontade ;

Diz , que numa beldade ,

Em quem mostrou o cabo a natureza ,

Nam ha tanta crueza ,

Que a hum tam firme amor desprezar queira

E huma fê verdadeira :

Mas tu , que de razão nunca curaste ,

Porque era dar-me a vida , ma tiraste.

F R O N D O S O .

A QUEM , Belisã ingrata , te entregaste ?

A quem dêste , cruel , a fermosura ,

Que sò a meu grão tormento se devia ?

Porque huma fê deixaste firme , & pura ?

Porque tam sem respeito me trocaste ,

Porque sò nem olhar te merecia ?

E o bem , que te queria ,

Que nunca perderei senam por morte ,

Nam he de mayor forte ,

Que quanto cega a gente estima , & preza

Sò a tua crueza ,

Foi nisto contra mim endurecida ,

Perca , quem te perdeu , tambem a vida.

D U R I A N O .

LEVASTEME meu bem num sò momento ,

Levasteme com elle juntamente ,

De cobrallo já mais a confiança ,

Deixasteme em lugar delle sòmente ,

Huma continua dor , & hum tormento ,

Hum mal , de que nam pôde haver mudança ,

Tu que eras a esperança

Dos males, que me tu cruel causaste,
 De todo te trocaste,
 Com Amor conjurada em minha morte;
 Porém se minha sorte
 Consente, que por ti seja causada,
 Morte nam foi mais bemaventurada.

FRONDOSO.

NAM nasceste de alguma pedra dura,
 Nam te gèrou alguma tigre Hircana,
 Nam foi tua criação entre a rudeza:
 A quem, cruel, sahiste deshumana?
 No Ceo formada foi tua fermosura,
 Onde a mesma brandura he natureza;
 Esta tua dureza,
 Onde teve principio, ou a tomaste?
 Porque dura engeitaste
 Hum verdadeiro amor, que tu bem vias!
 A fè que conhecias,
 Por outra de ti nunca conhecida?
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

VAISE co seu pastor o manso gado,
 Porque de amor entende, àquella parte
 Que a natureza irracional lhe ensina,
 O rustico Leão sem nenhuma arte,
 Do instinço natural sò ensinado,
 Aonde sente amor alli se inclina:
 E tu, que de divina
 Nam tens menos, que Venus, & Cupido,
 Porque se quer co ouvido,

Hum amor verdadeiro nam soccorres;
 Ou porque te nam corres;
 Que te vença o Leão em piedade,
 Se Venus nam te vence na beldade;

FRONDO'S O.

A mim nam me faltava, o que se preza;
 Entre os celestes Deoses, que formirão
 A tua mais que humana fermosura,
 Em mim os voluntarios Ceos faltarão,
 Em mim se perverteo a natureza;
 De huma cruel fermosa creatura;

Mas pois, Belisa dura;

Que do mais alto Ceo a nós vieste,
 Em teu peito celeste

Hum tal contrario pôde aposentar-se;

Nam he contrario achar-se

Tamanha fê, tam mal agradecida?

Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noite escura me contenta,

Por ti o claro dia me aborrece,

Abrolhos para mi são frescas flores;

A doce Filomela me entristece,

Todo o contentamento me atormenta,

Com a contemplação de teus amores;

As feitas dos pastores,

Que pôdem alegrar toda a tristeza;

Em mim tua crueza

Faz, que o mal cada hora vão dobrando.

Oh cruel, até quando



Durará em ti hum aborrecimento,
E a vida em mim, que sofre tal tormento?

F R O N D O S. O.

FUGISTE de hum amor tam conhecido,
Fugiste de huma fê tam clara, & firme,
E fugiste, a quem nunca conhecaste:
Nam por fugir de amor, mas por fugirme,
Que bem vias, que tinha merecido

O amor, que tu a outrem concedeste;

A mi nam me fizeste
Nenhuma semrazão, que bem conheço,

Que tanto nam mereço;

Fizeste à quelle bem firme & sincero,

Que sabes, que te quero,

Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

CRÊCE cada hora em mim mais o cuidado,
E vejo que em ti crece juntamente
Cada hora mais de mim o esquecimento:
Oh Silvana cruel, porque consente
O teu femiñil peito delicado,
Esquecerlhe hum tam aspero tormento?

Tal aborrecimento

Mereçe hum capital teu inimigo,

Namja eu, que sò contigo

Estou contente, & nada mais deſejo:

Se alguma hora te vejo,

Tu es hum sò bem meu, huma sò gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

FRONDOSO.

OLHOS, que virão já tua fermosura,
 Vida, que sò de verte se sostinha,
 Vontade, que em ti era transformada,
 Huma alma, que a tua em si sò tinha,
 Tam unida consigo, quanto a pura
 Alma co debil corpo està liada;

E agora apartada
 Se vê de si com tal apartamento,
 Qual será seu tormento?
 Qual será aquelle mal, que tem presente?
 Mayor he, que o que sente
 O triste corpo na ultima partida:
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

REGENDO n'outro tempo o manso gado,
 Tangendo minha frauta nestes vales,
 Passava a doce vida alegremente:
 Nam sentia o tormento destes males,
 Menos sentia o mal deste cuidado,
 Que tudo então em mim era contente;
 Agora nam sômente
 Desta vida suave me apartaste,
 Mas outra me deixaste,
 Que ao duro mal, que sinto cà no peito,
 Me tem já tam affeito,
 Que sinto já por gloria minha pena,
 Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO.

JUNTAMENTE viver compridos annos,



Os Fados te concedão , que quizerão
 Ajuntarte com tal contentamento ;
 Pois os bens todos para ti nascerão ,
 Tormentos para mim , males , & danos ;
 Logra tu sò teu bem em meu tormento ,
 Nenhum apattamento ,
 Belifa , me farà deixar de amarte ,
 Porque em nenhuma parte
 Puderás nunca estar sem mim huma hora :
 Consente pois agora ,
 Que em pago desta fê tam conhecida ,
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida.

D U R I A N O .

VEJATE eu, crua , amar , quem te desame,
 Porque saibas , que coufa he ser amada
 De quem tu aborreces , & desprezas :
 Vejate eu ser ainda desprezada ,
 De quem tu mais desejas que te ame ,
 Porque fintas em ti tuas cruezas ,
 Sintas tuas durezas ,
 E quanto pôde o seu cruel effeito
 Num coração fogeito ;
 Porque em sentindo o mal, q' eu sinto agora ,
 Espero que alguma hora ,
 Faça o teu proprio mal de mim lembrarte
 Já que nam pode o meu nunca abrandarte.

F R O N D O S O .

MIL ANNOS de tormento me parece
 Cada hora , que sem ti , & sem esperança
 Vivo de poder mais tornar a verte ;

Sustentame esta vida tua lembrança ,
 A vida sobre tudo me entristece ,
 A vida antes perderá , que perdette ;
 Mas eu se por quererte
 Hum bem , que em ti sò tem seu firme assento ,
 Padeço tal tormento :
 Que inda espera de ti , quem te defama ,
 Ou ao menos te ama ,
 Com algum falso amor , ou fê fingida ?
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida .

D U R I A N O .

ENTÃO , cruel , verás se te merece
 Com tamanho desprezo ser tratada
 Huma alma , que de amarte sò se preza ;
 Mas como pòdes tu ser desprezada ,
 Se o menos , que em ti fôra se parece ,
 Abrandar pòde montes , & aspereza ?
 Porque se a natureza
 Em ti o remate poz da fermosura ,
 Qual serà a pedra dura ,
 Que a teu valor resista brandamente ?
 Quanto mais fraca gente
 Que ao humano parecer nam se defende ,
 E a mesma Venus Deosa ao teu se rende .

F R O N D O S O .

E pois fê verdadeira , amor perfeito ,
 Tormento desigual , & vida triste ,
 Junta com hum continuo sofrimento ,
 E hum mal , em que todo o mal consiste ,
 Nam pudêrão mover teu duro peito ,

A mostrares se quier contentamento
 De veres meu tormento ,
 Mas antes isto tudo desprezaste ,
 E a outrem te entregaste ,
 Por me nam ficar nada , em que esperasse ,
 Senam quando acabasse
 A vida , que a meu mal he tam cumprida ,
 Perca , quem te perdeo , tambem a vida.

D U R I A N O .

LONGO curso de tempo , & apartado
 Lugar , a hum coração , que está entregue ,
 Nam podem apartar de seu intento ;
 Porque foges , cruel , a quem te segue ?
 Nam vês , que teu fugir he escusado ,
 Que sem mim nunca estás hū sô momento !
 Nenhum apartamento
 (Inda , que a alma do corpo se me aparte)
 Poderà ausentarte
 Desta alma triste , que continuamente
 Em si te tem presente ;
 Torna cruel , nam fujas , a quem te ama ,
 Vem dar a morte , ou vida , a quem te chama .

A NOITE escura , triste , & tenebrosa ,
 Que já tinha estendido o negro manto ,
 De escuridade a terra toda enchendo ,
 Fez pôr a estes pastores fim ao canto ,
 Que ao longo da ribeira deleitosa ,
 Vinhaõ seu manço gado recolhendo .
 Se aquillo que eu pretendo

Deste trabalho haver , que he todo voffo ,
 Senhora , alcançar posso ,
 Nam serà muito haver tambem a gloria ,
 E o lauro da vitoria ,
 Que Virgilio procura , & haver pretende ,
 Pois o mefimo Virgilio a vòs se rende .

E C L O G A V.

De sua puericia.

A QUEM darci queixumes namorados ,
 Do meu pastor queixoso namorado ?
 A branda voz , suspiros magoados ,
 A causa , porque n'alma he magoadado ?
 De quem serào seus males consolados ,
 Quem lhe farà devido gafalhado ?
 Sò vòs , senhor fermoso , & excellente ,
 Especial em graças entre a gente .

POR PARTES mil lançando a fantasia ,
 Busquei na terra , estrella que guiasse
 Meu rudo verso , em cuja companhia
 A santa piedade sempre andasse
 Luzente , & clara , como a luz do dia ,
 Que o rude engenho meu me alumiasse ,
 Em vossas perfeçoens , graó senhor , vejo ,
 Ainda além cumprido o meu desejo .

A vòs se dem , a quem junto se ha dado
 Brandura , mansidão , engenho , & arte ,
 De hum espirito divino acompanhado ,
 Dos sobrehumanos hum em toda a parte ;

Em vòs as graças todas se hão juntado
 De vòs em outras partes se reparte;
 Sois claro rayo, fois ardente chama,
 Gloria, & louvor do tempo, azas da Fama.

EM QUANTO eu aparelho hum novo espirito
 E voz de Cisne tal, que o mundo espante,
 Com que de vòs, senhor, em alto grito,
 Louvores mil em toda a parte cante:
 Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
 Entre vacas, & gado petulante;
 Que quando tempo for em melhor modo,
 Ha me de ouvir por vòs o mundo todo.

As vis querelas brandas, & amorosas,
 Seirão de vòs tratadas brandamente,
 Verdades d'alma pouco venturosas,
 Sahidas com suspiro vivo, & ardente,
 Que em vossas mãos se entregão valerosas
 Para despois viverem entre a gente,
 Chorando sempre a antiga crueldade,
 E os coraçõens movem a piedade.

JA' DECLINAVA o Sol contra o Oriente,
 E já do dia o mais era passado,
 Quando o pastor co grave mal, que sente,
 Por dar alivio em parte a seu cuidado,
 Se queixa da pastora docemente,
 Cuidando de ninguem ser escutado;
 Eu, que o ouvi, numa arvore escrevia
 As magoas, que cantou, & assi dizia.

OU TU no monte Caucaço es nacida,
 Ou marmor te pario, fermosa, & dura,

Que

Que nam pôde ser seja concebida
 Dureza tal de humana creatura :
 Ou es quiça em pedra convertida ,
 E tens da natureza tal ventura ;
 Porém nam fez em ti boa impressão ,
 Sò de marmor tornarte o coração .

JA' ESTA minha voz rouca , & chorosa ,
 A gente mais remota moveria ,
 E se soltasse a vea lagrimosa ,
 Os Tigres em Hircania amansaria :
 Senam foras cruel quanto fermosa ,
 Meu longo suspirar te abrandaria ,
 Mas suspirar por ti , & bem quererte ;
 Que fazem , senam mais endurecerte ?

SE DEIXARAS vencer a crueldade
 De tua tam perfeita fermosura
 Hum pouco , viras bem minha vontade ,
 E viras esta fê tam limpa , & pura :
 Por ventura , que houveras piedade ,
 E tivera eu quiça melhor ventura ;
 Mas nunqua achou igual tua belleza ,
 Senam se foi em ti tua dureza .

JA' HUM peito abrandàra , que nam sente
 Meu duro , & grave mal , segundo he forte ,
 Se deecera ao inferno fero , & ardente ,
 Movera à piedade a mesma morte ;
 Se huma sò gota de agoa brandamente
 Torna brando hum penedo duro , & forte ,
 Tantas lagrimas minhas nam farãõ
 Hum pequeno final num coração ?

Tom. II.

A a



NA TESTA tenho fonte viva de agoa
 Que por meus olhos tristes se derrama,
 No peito està de fogo viva fragoa,
 Que tudo em si converte, & tudo inflama:
 Amor ao derredor, por mayor magoa,
 Voando, mais acende a ardente chama,
 E se ques ver se ardentes são seus tiros,
 Olha se são ardentes meus suspiros.

QUANDO grita, & rumor grande se sente,
 Que se acende algum fogo em casa, ou torre,
 De pura compaixão vai toda a gente
 Gritando, agoa ao fogo, & cada hum corre:
 Assi anda meu peito em chama ardente,
 E co a agoa dos olhos se focorre,
 Que quem me abraça, outra agoa me defende,
 Porque com esta o fogo mais se acende.

QUANDO vemos, que sae là no Oriente
 O Sol, seu curso antigo começando,
 Fermoço, intenso, puro, & refulgente,
 O monte, campo, mar tudo alegrando:
 Quando de nós se esconde no Ponente,
 E n'outras terras sae alumiano,
 Sempre em quanto vai dando ao mundo giro,
 Por ti meus olhos chorão, & eu suspiro.

CAMINHA o dia todo o caminhante,
 Vem, acabado, a noite, em que descança;
 Trabalha na tormenta o mareante,
 Goza o dia sereno, & de bonança:
 Recobra o anno fertil & abundante
 Na terra o lavrador, se nella cança;

Mas eu de meu trabalho , & mal tam forte ,
Tormento espero emfim , & crua morte.

DE OUVIR meu mal as rosas matutinas ,
Com dô de mi se cerrão , & enmurchecem ;
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo , & lirio , & nam florecem :
Co a roxa Aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem , se entristecem ;
Deixa seu canto Progne , & Filomena ,
Que mais lhe doe , que a sua , a minha pena.

RESPONDE o monte concavo a meus ays ,
E tu como atpid cerraslhe o ouvido ,
As aryores do campo , os animaes ,
Mostrão sentir meu mal , sem ter sentido ;
E a ti as minhas cores desiguaes ,
Nam movem esse peito endurecido :
Por mais , & mais que chamo , nam respondes ,
E quanto mais te busco , mais te escondes.

NAQUELLA parte adonde costumavas
Apacentar meus olhos , & teu gado ,
Alli onde mil vezes me mostravas ,
Ser eu de ti o Pastor mais desejado ,
Mil vezes te busquei , por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado ,
No campo em vaô te busco , & busco o monte ,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti deseparado ,
Com cujas sombras frias já folgaste ,
Agora triste , & escuro he já tornado ,
Que todo o bem contigo nos levaste :

A a ij

Tu eras nosso Sol mais desejado ,
 Nam temos luz , despois que nos deixaste ,
 Torna meu claro Sol , vem já meu bem ,
 Qual he o Josué , que te detem ?

DESPOIS que deste valle te apartaste ,
 Nam pace o manso gado com segura ,
 Secou-se o campo , desque lhe negaste
 Dos teus fermosos olhos a luz pura :
 Secou-se a fonte , donde já te olhaste ,
 Quando menos , que agora , aspera , & dura ,
 Nega sem ti a terra dando gritos ,
 Passo às cabras , & leite aos cabritos .

SEM TI , doce cruel , minha inimiga ,
 A clara luz , escura me parece ,
 Este ribeiro , quando amor me obriga ,
 Com meu chorar por ti continuo crece :
 Nam ha fera , que a fome nam perfiga ,
 Nem o campo sem ti já nam florece ,
 Cegos estão meus olhos , já nam vem ,
 Pois que nam podem ver meu claro bem .

O CAMPO como dantes nam se esmalta ,
 De boninas azues , brancas , vermelhas ,
 Nam vem ao pasto , & sentem da agoa a falta
 As mansas & pacificas ovelhas :
 Tambem , cruel , contigo o Ceo lhe falta ,
 Nam achão flor melifluas abelhas ;
 Com lagrimas , que manam dos meus olhos ,
 A terra nos produz duros abrolhos .

TORNA pois já , pastora , a este prado ,
 E restituirás esta alegria ,

Alegraràs o monte , o campo , & gado ,
 Alegraràs tambem a fonte fria :
 Torna , vem já , meu sol , tam desejado ,
 Faràs a noite escura claro dia ,
 E alegre já esta magoada vida ,
 Em tua ausencia toda consumida .

VEM COMO quando o rayo transparente ,
 Deste nosso Horizonte , que escondido
 Deixa hum certo temor à mortal gente ,
 Que lhe causa ver o orbe escurecido ,
 E quando torna a vir claro , & luzente ,
 Alegra o mundo todo entristecido ,
 Assim he para mim tua luz pura
 Claro Sol , & a ausencia noite escura .

TU ESQUECIDA já do bem passado ,
 E do primeiro amor , que me mostraste ,
 Teu coração de mim tens apartado ,
 E tambem o lugar desfeparaste :
 Nam te quero eu a ti , mais que a meu gado ?
 Nam sou eu mesmo aquelle , que tu amaste ?
 Pois onde mereci tam graõ desvio ?
 Ouveme , pois me vês já morto & frio .

BEM VES , que por amor se move tudo ,
 E nam ha , quem de amor se veja izento ,
 O animal mais simples baixo , & rudo ,
 O de mais levantado pensamento :
 Até debaixo da agoa o peixe mudo ,
 Lá tem de amor tambem seu movimento ,
 A ave que no ar cantando voa ,
 Tambem por outra ave se afeiçoa .

A a iij



A MÚSICA do leve passarinho ,
 Que sem concerto algum solta , & derrama ,
 D'um raminho saltando a outro raminho ,
 Cantando com amor , suspira , & chama :
 Em quanto em seu amado & doce ninho
 Nam acha aquelle , a quem sò busca , & ama,
 Nam cessa do trabalho , que tomara ,
 Tendo sò seu descanso , em quem achàra.

A FERA , que he mais fera , & o Leão ,
 Sempre acha outro Leão , & outra fera ,
 Em quem possa empregar huma affeição ,
 Que lhe a conversação no peito gèra :
 Tambem sabe sentir sua paixão ,
 Tambem suspira , morre , & defespera ,
 Acena , salta , brada , ferve , & geme ,
 E , nam temendo nada , amor sò teme.

O CERVO , que escondido , & emboscado ,
 Temendo o cubiçoso caçador ,
 Está na selva , monte , bosque , ou prado ,
 Alli onde anda & vive , vive amor ;
 De amor , & de temor acompanhado ,
 Com justa causa amor tem & temor ,
 Temor , de quem alli ferilo vinha ,
 E amor , a quem já ferido o tinha.

SE o animal infensível , que nam sente ,
 Tambem sente de amor a frecha dura ,
 Porque te nam abranda o fogo ardente ,
 Que procede de tua fermosura ?
 Porque escondes a luz do Sol à gente ,
 Que nesses olhos trazes bella , & pura ?

Mais bella , mais suave , & mais fermosa ,
Que lirio , que jasmin , que crayo , & rosa .

Pòde ser , se me viras , que sentiras
Ver desfazer hum peito em triste pranto ,
E bem pouco fizeras se me viras ,

Jà que eu sò por te ver suspiro tanto :
As magoas , & suspiros , que me ouviras ,
Te puderão mover a grande espanto ,
A dor , a piedade , & sentimento ,
E a mais , que para mais he meu tormento .

OS PENSAMENTOS VÃO AO VENTO LEVE ,
O suspirar em vão tambem ao vento ,
O esperar à calma , à chuva , à neve ,
E nam te poder ver hum sò momento ;
Tormento he , que sòmente a ti se deve ,
E se pòde inda haver mayor tormento ,
Quem te vio , & se vê de ti ausente ,
Muito mais passará mais levemente .

FAZ MOÇA A PEDRA DURA EM SUA DUREZA ,
Co agoa , que lhe toca brandamente ,
Ablanda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente :
Sò em ti nam conheço a natureza ,
Que a ser de pedra , ferro , ou de serpente ,
Jà teu peito cruel fora desfeito ,
Ou do fogo , ou das lagrimas , que deito .

QUANDO A FERMOZA AURORA MOÍTRA A FRONTE ,
Alegra toda a terra vendo o dia ,
Quando Febo aparece no Orizonte ,
Manifesta tambem grande alegria :

Contente come o gado ao pè do monte ,
Alegre vai beber à fonte fria ,
Tudo contente està , & alegre tudo ,
Eu sò , sò pensativo , triste , & mudo.

SE DA alma , & do corpo tens a palma ,
E do corpo sem alma nam tens dò ,
Ha dò do corpo sò , que està sem alma ,
Pois sem alma nam vive o corpo sò :
Em a chama , no ardor , no fogo , & calma ,
Na affeição , no querer , eu sou hum sò ,
Nam acharàs vontade mais cativa ,
Nem outra , como a tua , tam esquivã.

SE TE apartas por nam ouvir meu rogo ,
Onde estiveres te ei de importunar ,
Posto que vãs por agoa , ferro , ou fogo ,
Contigo em toda a parte me has de achar :
Q' o fogo , em q' arfo , & a agoa , em q' m'afogo ,
Em quanto eu vivo for , ha de durar ,
E o nò , que me tem preso , he de tal sorte ,
Que nam se ha de soltar em vida , ou morte.

NESTE meu coração sempre estaràs ,
Em quanto a alma estiver com elle unida ,
Meu espirito tambem possuiràs ,
Despois que a alma do corpo for partida :
Por mais , & mais , que faças , nam faràs
Que nam te ame nesta & na outra vida ,
Impossivel serà , que eternamente
Estês de mi ausente , estando ausente.

CA' ME acompanharà tua memoria ,
Se o rio , que se diz do esquecimento ,

Da minha, nam borrar tam longa historia,
 Tam grave mal, tam duro apartamento:
 Atè quando te veja entrar na gloria,
 Vivirei num continuo sentimento,
 E ainda então irà, se isto ser possa,
 Esta minha alma là servir a vossa.

AQUI com grave dor, com triste acento:
 Deo o triste pastor fim a seu canto,
 Co rosto baixo, & alto o pensamento,
 Seus olhos começãõ novo pranto:
 Mil vez fez parar no ar o vento,
 E apiedou no Ceo o coro santo,
 As circumstantes selvas se abaixãõ,
 De dò das tristes magoas, que escutãõ.

COM huma mão na face, & encoltado,
 Em sua dor tam enlevado estava,
 Que como em grave sono sepultado,
 Nam vio o Sol, que já no mar entrava:
 Berrando andava em roda o manço gado,
 Que o seguro curral já desejava,
 Nas covas as raposas, & em seus ninhos
 Se recolhem os simples passarinhos

JA' SOBRE hum seco ramo estava posto
 O mocho, com funesto, & triste canto,
 A cujo som o paltor ergueo o rosto,
 E vio a terra envolta em negro manto:
 Quebrando então o fio a seu desgosto,
 Mas nam quebrando o fio a seu pranto,
 Para melhor cuidar em seu cuidado,
 Levou para os curraes o manço gado.

E C L O G A VI.
AO DUQUE DE AVEIRO.

ALICUTO *peſcador.* AGRARIO *paſtor.*

ARUSTICA contenda deſuſada
Entre as Muſas do boſque , & das arêas ,
De ſeus rudos cultores modulada ;
A cujo ſom attonitas , & alheas
Do monte as manſas vacas eſtiverão ,
E do rio as ſaxatiles lampreas :
Deſejo de cantar , que ſe moverão
Os troncos as avenas dos paſtores ,
E os ſilveſtres brutos ſuſpenderão :
Nam menos o cantar dos peſcadores ,
s ondas amañſou já do alto pègo ,
E fez ouvir os mudos nadadores :
E ſe por ſuſtentarſe o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama ,
O que he mais proprio no ocio , & no ſoſſego,
Mais maravilhas dando à voz da Fama ,
No meſmo mar undoso , & vento frio ,
Brašas vivas acende a roxa flama-
Vòs ò ramo d'hum tronco alto & ſombrio ,
Cuja frondente coma já cobrio
De Luſo todo o gado , & ſenhorio ;
E cujo ſaõ madeiro já ſahio
A lançar a forçoſa , & larga rede ,
No mais remoto mar , que o mundo vio.

E vòs cujo valor tam alto excede,
 Que a cantalo com voz alta, & divina,
 A fonte de Parnafo move a fede:

Ouvi da minha humilde çanfonia
 A armonia, que vòs alevantais
 Tanto, que de vòs mefmo a fazeis dina.

E fe agora, que afavel me efcutais,
 Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
 O que vos deve o mundo, que dourais:

Se os Reys, Avòs voffos, que de Juba
 Os Reynos devaflarão, nam ouvis,
 Que naz azas do verfo excelfo fuba:

Senam fabem as frautas pastoris,
 Pintar de Toro os campos femeados,
 De armas, de corpos fortes, & gentis,
 Por hum moço animofo fultentados,
 Contra o indomito pay de toda Espanha,
 Contra a Fortuna van, & injuftos Fados.

Hum moço, cujo eforço animo, & manha
 Fez do Olimpo decer o duro Marte,
 E darlhe a quinta Efpera, que acompanha:

Senam fabem cantar a menor parte
 Do fapiente peito, & grão confelho,
 Que pòde, ò Reyno illuftre, defcanfarte.
 Peito, que o douto Apollo fez vermelho,
 Deixar o faero monte, & as nove irmãs,
 Diz que a elle fe afeitem, como a efpelho:

Saberão sò cantar as fuas vãs
 Contendas de Alicuro vil, & Agrario,
 Hum de efcamas cuberto, outro de lãs.

Vereis, Duque sereno, o estillo vario
A nós novo, mas n'outro mar cantado,
D'hum que sò foi das Musas secretario.

O pescador Sincero, que amansado
Tem o peito de Pocrita co canto,
Polas sonoras ondas compassado.

Deste seguindo o som, que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façaos novo estillo, & novo pranto.

Partirase do monte Agrario infano,
Para onde a força sò do pensamento
Lhe encaminhava o lasto peso humano;

Embebido num longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos hum doce sonho, & fingimento.

Rompendo as silvas horridas do mato
Vai por cima de outeiros, & penedos,
Fugindo emfim de todo humano trato.

Ante os seus olhos leva os olhos lèdos
Da branca Dinamene, que enverdece
Sò co meneo os valles, & os rochedos,

Ora se ri configo, quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristece.

Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido:

E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo do ribeiro,
Jà quando as fombas vem decendo escuras;

E nem

E nem co a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar , como sohia ,
Perdida pelo bruto companheiro :

Tal Agrario chegado enfim se via ,
Onde o grão pègo horrifono suspira ,
Numa praya arenosa , humida , & fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira ;
Tornando em si , de longe ouvio tocarse
De douta mão , nam vista , & nova lyra.

Pelo som desufado desviar-se ,
Para onde mais soava , desejando
De ouvir , & conversar , & de provar-se.

Nam tinha muito espaço andado , quando
Numa concavidade de hum penedo ,
Que pouco , & pouco fora o mar cavando :

Topou hum pescador , que pronto , & quedo
Numa pedra assentado brandamente
Tangendo , fazia o mar sereno , & lèdo.

Mancebo era de idade florecente ,
Pescador grande do alto , conhecido
Pelo nome de toda a humida gente.

Alicuto se chama , que perdido
Era pela fermosa Lemnoria ,
Ninfa que tem o mar ennobrecido.

Por ella as redas lança noite , & dia ,
Por ella as ondas tumidas despreza ,
Por ella sofre o Sol , & a chuva fria.

Co seu nome mil vezes a braveza
Dos ventos feros amansou co verso ,
Que remove dâs rochas a dureza.



E agora em som de voz suave, & terço,
 Está seu nome aos eccos enfindo,
 Por estilo do agreste som diverso:

Do qual Agrario attonito afrouxando
 Da fantasia hum pouco seu cuidado,
 Suspenso esteve, os numeros notando,

Mas Alicuto vendose estorvado
 Pelo pastor da musica divina,
 Alevantando o rosto sofflegado,

Lhe diz assi: Vaqueiro da campina,
 Que vens buscar as arenosas prayas,
 Onde a bella Anfitrite sò domina?

Que razão ha pastor, porque te fayas
 Para o nosso escamoso & vil terreno,
 Dos mui floridos myrtos, & altas fayas?

Que se agora o mar vès brando, & sereno
 E estenderemse as ondas pela arèa,
 Amanfadas das agoas, com que peno:

Logo veràs o como desenfrea
 Eolo o vento pelo mar undoso,
 De forte, que Neptuno o arrecca.

Responde Agrario, ò musico & amoroso
 Pescador, eu nam venho a ver o lago
 Bravo, & quièto, ou vento brando, & iroso;

Mas o meu pensamento, com que apago
 As flamas ao desejo, mo trazia
 Sem ouvir & sem ver, suspenso, & vago.

Atè que a tua angelica armonia
 Me acordou, vendo o som, com q' aqui cantas
 A tua perigosa Lemnoria.

Mas se de verme cà no mar te espantas ,
 Eu me espanto tambem do estillo novo ,
 Com que as ondas horrifonas quebrantas .

O qual, posto que certo, louvo, & aprovo,
 Desejo de provar contra o silvestre
 Antigo pastoril, que eu mal renovo ,

E tu que no tocar pareces mestre ,
 Pòdes julgar se he clara a differença
 Entre o canto maritimo , & o campestre .

Nam ha , disse Alicuto , em mi detença ,
 Mas antes alvoroço , inda que veja
 Que essa tua confiança sò me vença .

Mas porque saibas , que nenhuma enveja
 Os pescadores temos aos pastores ,
 No som , que pelo mundo se deseja :

Toma a lyra na mão , que os moradores
 Do vitreo fundo vejo já juntarse ,
 Para ouvir nossos rusticos amores .

E bem vès pela praya apresentarse
 Nas conchas varia cor à vista humana ,
 E o mar vir por entre ellas , & tornase ;

Sollegada do vento a furia insana ,
 Encrespa brandamente o ameno rio ,
 Que aqui de seu licor mistura , & dana .

Este penedo concavo , & sombrio ,
 Que de cangrejos ves estar cuberto ,
 Nos dà abrigo do Sol quièto , & frio .

Tudo nos mostra emfim repouso certo ,
 E nos convida ao canto , com que os mudos
 Peixes saem ouvindo ao ar aberto .



Assi se defasão estes rudos
 Poetas, nos officios discrepantes,
 Nos engenhos porêm sutis, & agudos.
 E já mil companheiros circumstantes
 Estavão para ouvir, & aparelhavão
 Ao vencedor os premios semelhantes,
 Quando já as lyras subito tocavão,
 Agrario começava, & da harmonia
 Os pescadores todos se admiravão;
 E desta arte Alicuto respondia.

A G R A R I O.

Vòs femicapros Deoses do alto monte,
 Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
 E vòs Deosãs do bosque, & clara fonte,
 Ou dos troncos, que vivem largos annos,
 Se tendes pronta hum pouco a sacra fronte
 A nossos versos rusticos, & humanos,
 Ou me dai já a coroa de loureiro,
 Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

A L I C U T O.

Vòs humidas Deidades deste pègo,
 Tritoeus ceruleos, Proteo, com Palemo,
 Vòs Nereidas do sal, em que navego,
 Por quem do vento as furias pouco temo:
 Se às vossas ricas àras nunca nego,
 O congro nadador na pã do remo,
 Nam consintais, que a musica marinha
 Vencida seja aqui na lyra minha.

A G R A R I O.

PASTOR se fez hum tempo o moço louro,

Que do sol as carretas move, & guia;
 Ouvio o rico Anfriso a lyra douro,
 Que o seu sacro inventor alli tangia:
 Io foi vaca, Jupiter foi touro,
 Manfas ovelhas junto da agoa fria
 Guardou o bello Adonis, & tornado
 Em bezerro Nepruno foi já achado.

A L I C U T O.

PESCADOR já foi Glauco, o qual agora
 Deos he do mar, & Proteo Focas guarda;
 Naceo no pègo a Deosa, que he Senhora
 Do amoroso prazer, que sempre tarda:
 Se foi bezerro o Deos, que o mar adora,
 Tambem já foi Delfim, & quem resguarda
 Verà, que os moços pescadores erão,
 Que o escuro enima ao vate dèrão.

A G R A R I O.

FERMOSA Dinamene, se dos ninhos
 Os implumes penhores já furtei
 A' doce Eilomela, & dos murtinhos,
 Para ti, fera, as flores apanhei:
 E se os crespos medronhos nos raminhos,
 A ti com tanto gosto apresentei,
 Porque nam dás a Agrario desditoso,
 Hum sò revolver de olhos piedoso?

A L I C U T O.

PARA quem trago de agoa em vaso cavo
 Os curvos camaroens vivos saltando?
 Para quem as conchinhas ruivas cavo,
 Na praya os secos buzios apanhando?

B b iij

Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral venho arrancando,
Senam para a fermosa Lemnoria,
Que cum sò riso a vida me daria?

A G R A R I O.

QUEM vio o desgrenhado, & crespo inverno
De altas nuves vestido, horrido, & feo,
Ennegrecendo a vista o Ceo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheo:
Rayos, chuvas, trovoens, hum triste inferno,
Mostra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor ciofo, a quem suspeita,
Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

A L I E U T O.

SE alguem vio pelo alto o sibilante
Furor, deitando flamas, & bramidos,
Quando as pasmosas ferras tras diante,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
A braços derrubando o já nutante
Mundo, cos elementos destruidos;
Assi me representa a fantasia,
A desesperação de ver hum dia.

A G R A R I O.

MINHA alva Dinamene, a Primavera,
Qu: os campos deleitosos pinta, & veste,
E rindose huma cor aos olhos gèra,
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena agreste,
Nam he para meus olhos tam fermosa,

Como a tua, que abate o lirio, & rosa.

A L I C U T O.

A s conchinhas da praya, que apresentaõ
 A cor das nuves, quando nace o dia,
 O canto das Sirenas que adormentaõ,
 A tinta, que no murice se cria;
 Navegar pelas agoas, que se assentaõ
 Co brando bafo, quando a festa he fria,
 Nam pôde Ninfa minha assi a prazermes,
 Como verte huma hora alegre verme.

A G R A R I O.

A DEOSA, que na Lybica alagoa,
 Em forma virginal appareceo,
 Cujo nome tomou, que tanto soa,
 Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
 Garços os tem, mas huma, que a coroa
 Das fermosas do campo mereceo,
 Da cor do campo os mostra graciosos,
 Quem diz, que nam saõ estes os fermosos?

A L I C U T O.

PERDOEMME as Deidades, mas tu Diva,
 Que no liquido marmor ès gèrada,
 A luz dos olhos teus celeste, & viva,
 Tens por vicio amoroso atravessada:
 Nos peitos lhe chamamos, mas quem priva
 De luz o dia baixa, & fofegada,
 Traz a dos seus nos meus, que o nam nego,
 E com tudo isso ainda assi estou cego.

Assi cantavaõ ambos os cultores
 Do monte, & praya, quando os atalhãraõ,



A hum pastores , a outro pescadores.

E quaesquer a feu vate coroaraõ
De capellas idoneas , & fermosas ,
Que as Ninfas lhe teceraõ , & ordenaraõ.

A Agrario de murtinhos , & de rosas ,
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buziõs , & conchas ruivas , & lustrosas.

Estavaõ na agoa os peixes embebidos ,
Com as cabeças fóra , & quasi em terra ,
Os musicos delfins estaõ perdidos.

Julgaraõ os pastores , que na ferra
O cume , & preço està do antigo canto ,
Que quem o nega contra as Muías erra.

Dizem os pescadores , que outro tanto
Tem da sonora frauta , quanto teve
O campo pastoril do antigo Manto.

Mas já o pastor de Admeto o carro leve
Molhava n'agoa amãra , & compellia
A recolher a roxa tarde , & breve ,
E foi fim da contenda o fim do dia.

E C L O G A VII.

D O S F A U N O S .

AS doces cantilenas , que cantavaõ
Os femicapros Deoses amadores
Das Napèas , que os montes habitavaõ ,

Cantando escreverei , que se os amores
Aos silvestres Deoses maltrataraõ ,
Jã ficaõ desculpados os Pastores.

Vós, senhor Dom Antonio, aonde acháraõ
O claro Apollo, & Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes affináraõ.

Se meu engenho he rudo, & imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito:

Em vós minha fraqueza se defende,
Em vós instilla a fonte de Pegaço,
O que meu canto pelo mundo estende.

Vedes as altas Musas do Parnaço,
Cantando vos estaõ na doce lyra,
Tomandome das mãos tam alto caso;

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, & escutece,
O que em vosso louvor meu canto aspira;

Ou por me haver enveja me fallece,
Ou por nam ver soar na frauta ruda,
O que a sonora cythara merece.

Pois sei, Senhor, dizer, que a lingua muda;
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co pranto ajuda:

E em quanto Galathea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tytiro nas sombras faz assento,

E em quanto flor ao campo nam faleça,
(Senam recebeis isto por afronta)
Farà que o Douro, & o Ganges vos conheça.

E já que a lingoa nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.

No cume do Parnafo duro monte,
De filvestre arvoredo rodeado,
Nace huma cristalina, & clara fonte,
Donde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras, mansamente
Vai correndo suave, & foflegado.

O murmurar das ondas excellente
Os passaros excita, que cantando
Fazem o monte verde mais contente.

Tam claras vaõ as agoas caminbando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pòdem huma, & huma estar contando.

Nam se veràõ ao redor pisadas
De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
Porque do effepto monte saõ vedadas.

Herva nam se verà, que alli criasse
O monte ameno triste, ou venenosa,
Senam, que là no centro as igualasse.

O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem branca, & a flor, que dos amantes,
A cor tem magoada, & faudosa.

Alli se vem os myrthos circumstantes,
Que a cristalina Venus encubriraõ
Da companhia dos Faunos peulantes,
Ortelan, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As mucharaõ já mais, ou secas viraõ.

Desta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.

Aqui huma linda Ninfa por acerto
 Perdida da fragueira companhia ,
 A quem este alto monte era encuberto ;
 Cansada já da caça vindo hum dia ,
 Quiz descansar à sombra da floresta ,
 E tirar nas mãos alvas da agoa fria.

E vendo a novidade manifesta
 Do srio , & como as arvores co vento
 As calmas defendião da alta sêsta ,
 Das aves o lascivo movimento ,
 Que em seus modulos versos ocupadas
 As azas daõ ao doce pensamento .

Tendo notado tudo , já passadas
 As horas da graõ sêsta se tornou
 A buscar as irmaãs no centro amadas .

Despois que largamente lhes contou ,
 Do nam visto lugar , que perto estava ,
 Que tanto por estremo a namorou ;

Que ao outro dia fossem , lhes rogava ,
 A lavar-se naquella fonte amena ,
 Que tam fermosas agoas destilava .

Já tinha dado hum giro a luz serena ,
 Do graõ pastor de Admeto , & já nacia
 Aos ditosos amantes nova pena ,

Quando as fermosas Ninfas à portia ,
 Para o lugar do monte caminhavaõ ,
 Rompendo a manhaã roxa , alegre , & fria .

De huma os cabellos louros se espalhavaõ
 Pelo fermoso collo sem concerto ,
 Com dous mil nõs suaves se enlaçavaõ .

Outra levando o collo descuberto ,
 Por mais despejo em tranças os atara ,
 Havendo por prezado o desconcerto ;

Dinamene , & Efire a quem topára
 Nũas Febo , num rio , & encobriará
 Seus delicados corpos na agoa clara ;

Sirene , & Nise , que das mãos fugirão
 Do Tegeo Pan , Amanta , & mais Elysa ,
 Dêstras nos arcos mais , que quantas tiraó :

A linda Daliana , com Belisa ,
 Ambas vindas do Tejo , que como ellas
 Nenhuma tam fermosa as hervas pisa .

Todas estas angelicas donzellas ,
 Pelo viçoso monte alegres hiaó ,
 Quaes no Ceo largo as nitidas estrellas .

Mas dous silvestres Deoses , que traziaó
 O pensamento em duas occupado ,
 A quem de longe mais , que a si queriaó :

Nam lhe ficava monte , valle , ou prado ,
 Nem arvore , por onde quer que andavaó ,
 Que nam soubesse delles seu cuidado .

Quantas vezes ao rio , que passavaó ,
 Deriveraó seu curso , ouvindo os danos ,
 Que atè os duros montes magoavaó ?

Quantas vezes amor de tantos annos
 Abrandára qualquer vontade izenta ,
 Se em Ninfas coraçoens ouvesse humanos ?

Mas quem de seu cuidado se contenta ,
 Offereça de longe a paciencia ,
 Que Amor de alegres magoas se sustenta .

Que

Que o moço Idalio quiz nesta ciencia ,
 Que se compadeceſſem dous contrarios ,
 Diga o quem tiver delle experiencia.

Indo os Deoſes emfim por montes varios
 Exercitando os olhos faudoſos ,
 Ao cristalino rio tributarios ;

Topàrao d'uns pès alvos , & mimoſos
 As piſadas na terra conhecidas ,
 As quaes foraó ſeguindo preſſuroſos :

Mas encontrando as Ninfas , que deſpidas
 Na clara fonte eſtavaó , nam cuidando
 Que d'alguem foſſem viſtas , ou ſentidas :

Deixaraóſe eſtar quedos , contemplando
 As feiçoens nunca viſtas , de maneira ,
 Que viſſem ſem ſer viſtos , eſpreitando.

Porèm a eſpeſſa mata menſageira
 Da futura cilada , co rugido
 Dos raminhos de huma aſpera aveleira ,
 Moſtrando a hum dos Deoſes eſcondido ,
 Todas tamanha grita levantàraó ,
 Como ſe foſſe o monte deſtruído.

E logo aſſi deſpidas ſe lançaã
 Pela eſpeſſura tam ligeiramente ,
 Que mais entãó , que os ventos avoàraó.

Qual o bando das pombas , quando ſente
 A fermoſa Aguia , cuja viſta pura
 Nam obedece ao Sol reſplandecente :

Empreſtalhe o temor da morte dura
 Nas azas nova força , & nam parando
 Cortaó o ar , & rompem a eſpeſſura.



Deſta arte vão as Ninfas , que deixando
De ſeu deſpojo os ramos carregados ,
Nũas por entre as ſilvas vão voando.

Mas os amantes já deſeſperados ,
Que para as alcançar em fim ſe vião
Nada dos pès caprinos ajudados :

Com amorofos brados as ſeguião ,
Hum ſò , que o outro ainda nam tomava
Folego algum , da preſſa que trazião ,
Mas deſpois de cansado ſe queixava.

PRIMEIRO SATYRO.

AH NINFAS fugitivas ,
Que ſò por nam uſar humanidade ,
Os perigos dos matos nam temeis !

Para que ſois eſquivas ,
Que inda de nõs nam peço piẽdade ,
Mas deſſas alvas carnes , que offendeis ,

Ah Ninfa nam vereis ,
Que Eurydice , fugindo deſſa ſorte ,
Fugio do amante , & nam da fera morte !
Tambem aſſi Eperic foi mordida

Da bibora eſcondida :
Olhai á ſerpe , Ninfas , na erva verde ,
Quem a condição nam perde , perde a vida.

QUE TYGRE , ou que leão ,
Que peçonhenta fera venenofa ,
Ou que inimigo emfim vos vai ſiguindo :

De hum brando coração ,
Que preſo deſſa viſta riguroſa ,

De si para vòs foge , andais fugindo ?

Olhai , que em gesto lindo ,

Nam se consente peito tam disforme ,

Senam quereis , que tudo se conforme :

Posto que bellas na agoa vos vejais ,

A fonte nam creais ,

Que vos tras enganadas por vingança

Destá nossa esperança , que enganais.

MAS AH , que nam consinto ,

Que nem palavra minha vos offenda ,

Posto que me desculpa a magoa pura :

Ninfas digo que minto ,

Que nam pôde haver nunca quem pretenda

De desfazer em vossa fermosura :

Se amor de tanta dura ,

Por tanto mal tam pouco bem merece ,

Nam estranheis minha alma , que endoucece ,

Que se falla doudices de improvizo ,

Sem tento , nem aviso ,

Queira Deos , que dureza tam crecida ,

Que me nam tire a vida além do siso.

COSAS grandes , & estranhas

Tem peio mundo feito , & faz natura ,

Q' a qué vos nam vio , Ninfas , muito espantão

Nas Libicas montanhas

As Scitales são feras da pintura

Tam singular , que sò co a vista encantão ,

As Hiènas levantão

A voz tam natural à voz humana ,

Que a quem as ouve facilmente engana ;

C c ij



E vòs (ò gentis feras) cujo aspeito

O mundo tem fugeito,

Tendes da natureza juntamente,

A vista & voz de gente, & fero o peito.

D A s amorofas leys,

Com que liga natura os coraçoens,

Andais fugindo, Ninfas, na espessura?

Como nam vos correis,

Que em vòs ajaõ tam duras condiçoens,

Que possaõ mais, que a provida natura?

Se vossa fermofura

He sobre natural, nam he forçado,

Que assi tenha tambem o peito irado:

Mas antes ao amor, em cuja mão

Os coraçoens estão,

Por vossa gentileza tam fermofa,

Lhes deveis amorofa condição.

AMOR he hum brando afeito,

Que Deos no mundo poz, & a natureza,

Para aumentar as coufas, que criou;

D'amor está fugeito,

Tudo quanto possue a redondeza,

Nada sem este effeito se gèrou;

Por elle confervou

A cauza principal, o mundo amado,

Donde o pay famulento foi deitado,

As causas elle as ata, & as conforma

Com o mundo, & reforma

A materia: quem ha que nam o veja?

Quanto meu mal defeja sempre forma.

ENTRE as hervas dos prados
 Nam ha machos , & femeas conhecidas ,
 E junto hũa da outra permanece ?

Nam estaõ carregados
 Os ulmeiros das vides retorcidas ,
 Onde o cacho esforçado amadurece ?

Nam vedes , que padece
 Tanta tristeza a Rola pela morte
 Da sua amada & unica consorte ?
 Pois là no Olimpo a quantos cativou
 Cupido , & maltratou ?

Melhor que eu , o dirà a futil donzela ,
 Que là na sua tella o dibuxou.

A H c a s o grande , & grave !
 Ah peitos de diamante fabricados ,
 E das leys absolutos naturais !

Aquelle amor suave ,
 Aquelle poder alto , que forçados
 Os Deoses obedecem , desprezais ?
 Pois para que saibais ,
 Que contra o fero amor nunca ouve escudo ,
 O seu costume he ter vingança em tudo ;
 Eu vos verci deitar em hum momento ,

Suspiros mil ao vento ,
 Lagrimas tristes , pranto , nova dor ,
 Por quem tenha outro amor no pensamento.

M A I s quizera dizer
 O desditoso amante , que ajudado
 Se via entãõ da magoa , & da tristeza ,

Mas foi-lho defender
 O outro companheiro como irado ;
 Com tam disforme , & aspera dureza ;
 Aquillo , que a rudeza ,
 E a ciencia agreste lhe ensinàra ,
 Imaginando , como que acordàra
 D'algum fonho, arrancando d'alma hũ grito :
 O mais , que alli foi dito ,
 Vòs montes o direis , & vòs penedos ,
 Que em vossos arvoredos anda escrito.

S A T Y R O S E G U N D O .

N E M vòs nascidas fois de gente humana ,
 Nem foi humano o leite , que mamastes ;
 Mas d'alguma disforme fera Hircana ,
 Là no Caucaço monte vos creastes :
 Daqui tomastes a aspereza infana ,
 Daqui o frio peito congelastes ,
 Sois Sphinges nos gèstos naturais ,
 Que o rosto sò de humanas amostrais.

S E vòs fostes criadas na espessura ,
 Onde nam ouve coufa , que se achasse
 Animal , erva , planta , ou pedra dura ,
 Que em seu tempo passado nam amasse ;
 Nem a quem a affeição suave , & puta ,
 Nessa presente fórma nam mudasse ,
 Porque nam deixareis tambem memoria
 De vòs , em namorada , & longa historia!

OLHA! como na Arcadia foterrando
 O namorado Alfeo sua agoa clara ,

Lá na ardente Sicilia vai buscando
 Por debaixo do mar a Ninfa cara,
 Assi mefmo vereis passar nadando
 Acis, que Galathea tanto amára,
 Por onde do Ciclope a grande magoa,
 Converteo do mancebo o fangue em agoa.

VIRAI os olhos, Ninfas, à Erycina
 Espessura, vereis alli mudarfe
 Egeria, & em fonte clara, & cristalina,
 Pela morte da Numa destilarfe:
 Olhai, que a triste Biblis vos ensina
 Com perderfe de todo, & transformarfe
 Em lagrimas, que emfim pudêraõ tanto,
 Que acrescentáraõ sempre o verde manto.

E SE entre as claras agoas ouve amores,
 Os penedos tambem foraõ perdidos,
 Olhai os dous conformes amadores,
 Lá no monte Ida em pedra convertidos:
 Lethea por cahir em vãos errores,
 De sua fermofura procedidos,
 Oleno, porque a culpa em si tomava,
 Por nam ver castigar, quem tanto amava.

TOMAI exemplo, & vede em Cypro aquella
 Por quem Isis no laço poz a vida,
 Tambem vereis em pedra a Ninfa bella,
 Cujá voz foi por Juno consumida,
 E se queixar se quer de sua estrellá,
 A voz estrema sò lhe he concedida;
 E tu tambem, ò Dafnis, que trouxeste
 Princito ao monte o doce verso agreste.

TAMANHO amor lhe tinha a branda amiga
 Que em inimiga emfim se foi tornando ,
 Que porque Ninfa eſtranha outra o fogiga ,
 Suas magicas ervas vai buscando ;
 Olhai a crua dor a quanto obriga ,
 Que por vingar ſua ira transformando
 Se foi em pedra , ò dura confuſaõ !
 Deſpois lhe peſaria , mas em vaõ.

OLHAI , Ninſas , as arvores alçadas ,
 A cuja ſombra andais colhendo flores ,
 Como em ſeu tempo foraõ namoradas
 Que ainda agora o tronco ſente as dores.
 Vereis tambem , ſe fordes alembradas ,
 Como a cor das amoras he de amores ,
 O ſangue dos amantes na verdura ,
 Teſtemunha de Tiſbe a ſepultura.

E LA' pela odorifera Sabèa ,
 Nam vedes , que de lagrimas daquella ,
 Que com ſeu pay , & ſe ajunta , & ſe recrea ,
 Arabia ſe enriquece , & vive della ?
 Vede mais a verde arvore Penea ,
 Que foi já n'outro tempo Ninfa bella ,
 E Cypariſſo angelico mancebo ,
 Ambos verdes com lagrimas de Febo.
 ESTÁ o moço de Frigia delicado
 No mais alto arvoredado convertido ,
 Que tantas vezes fere o vento irado ,
 Galardaõ de ſeus erros merecido :
 Que da alta Berecinthia ſendo amado ,
 Por huma Ninfa baixa foi perdido ,

E a Deosa , a quem perdeo do pensamento ,
 Quiz , que tambem perdesse o entendimento.

O SUBITO furor lhe afigurava ,
 Que o monte , as cascas , & arvores cahiaõ ,
 Já dos pudicos membros se privava ,
 Que a Deosa , & a furia grande o constrangiaõ :
 Já no indino monte se lançava ,
 De sua morte as feras se dohiaõ :
 Desta arte perdeo Athis na espessura ,
 Despois de tantas perdas , a figura.

LEMBREVOS quando as gentes celebravaõ
 Em Grecia as grandes festas de Lyço ,
 Onde as fermosas Ninfas se juntavaõ ,
 E os sacros moradores de Lyceo :
 Todos em doce sono se occupavaõ
 Pelo monte , despois que anoiteceo ,
 Mas o Deos do Helesponto nam dormia ,
 Que hum novo amor o sono lhe impedia.

MAS ELLA emfim os braços estendendo ,
 Em ramos se lhe foraõ transformado ,
 Em raizes os pès se vaõ torcendo ,
 E o nome de Lotho sò lhe vai ficando :
 Vedes Napcas este caso horrendo ,
 Que vos està de longe ameaçando ?
 Que assi tambem d'aquella , a quem seguia
 O sacro Pan , a forma se perdia.

E QUE direis de Filis , que perdida
 Da saudosa dor , em que vivia ,
 A desesperaçãõ emfim trazida
 Do cumprido esperar de dia em dia :

Por desfatar do corpo a triste vida ,
 Atava ao colo a cinta , que trazia ,
 Mas o tronco sem folha pelo monte
 Rhodope abraça o lento Demofonte.

N A S boninas tambem vereis Jacintho ,
 Por quem Febo de si se queixa em vam ,
 Vereis o monte Idalio em sangue tinto
 Do neto de seu pay , da mãy itimam :
 Chora Venus a dor do moço extinto ,
 Maldiz o Ceo , & a Terra com razaõ ,
 A Terra porque logo nam se abrio ,
 O Ceo porque tal morte permitio.

E TU constante Clycie , a quem falece
 A fê de teus amores enganofos ,
 No louro amante , que de ti se esquece ,
 Se esquecem os teus olhos faudofos :
 Nenhum alegre estado permanece ,
 Que são do mundo os gostos mentirofos ,
 E a tua clara luz , por quem suspiras ,
 Ainda agora em herva a folha viras.

TRAGOVOS estas coufas à lembrança ,
 Porque se estranhe mais vossa crueza ,
 Com ver que a creação & a longa usança
 Vos nam perverte , & muda a natureza :
 Dou as lagrimas minhas em fiança ,
 Que em tudo quanto está na redondeza ,
 Coufa de amor izenta , se atentais ,
 Em quanto vos nam virdes nam vejais.

J A' DISSE , que de amor sempre tiverão
 As coufas insensivcis pena , & gloria ,

Vede as sensiveis como se perdêrão ,
 E dirvoshei das aves larga historia ,
 Que as penas , que em sua alma se sofrerão
 Nas azas lhe ficarão por memoria ,
 E aquelle altivo , & leve movimento ,
 Lhe ficou do voar do pensamento.

O doce Roxinol , & a Andorinha ,
 De donde ellas se forão transformando ,
 Senam do puro amor , que o Tracio tinha
 Q' em poupa ainda a amada anda chamando?
 Clama sem culpa a misera avezinha ,
 Que na praya de Fafis habitando ,
 Do rio toma o nome , & assi se vai
 Chamando à mãy cruel , & injusto o pay.

V E D E a quem engeitou Pallas por fallar ,
 Que dos amores he mayor deffeito ,
 E aquella , que succede em seu lugar ,
 Ambas aves de amor usado effeito ,
 Huma , porque fugia ao Deos do mar ,
 Outra , porque tentara o patrio leito ,
 E Scylla , que a seu pay poz em perigo ,
 Sò por ser muito amiga do inimigo.

E P I c o a quem ficarão ainda as cores
 Da purpura Real , que ter sohia ,
 E Esaco , que o seguir de seus amores ,
 O trouxe a ver tam cedo o estremo dia ;
 Ou vede os dous tam firmes amadores ,
 Que amor aves tornou na praya fria ,
 Do Rey dos ventos era genro o triste ,
 Que Alcione na praya morto viste.

§ 12 E C L O G A S

ESTAVA a triste Alcione esperando
 Com longos olhos o marido ausente ,
 Mas os irados ventos allopando ,
 Nas agoas o afogarão tristemente :
 Em sonhos se lhe está representando ,
 Que o coração prefago nunca mente ,
 Sò do bem as suspeitas mentirão ,
 Porque as do mal futuro certas são .

AO PRANTO os olhos seus a triste enfaya ,
 Buscando o mar com elles hia , & vinha ,
 Quando o corpo sem alma achou na praya
 Sem alma o corpo achou , que n'alma tinha ,
 Oh Nereidas do Egeo consolaya ,
 Pois este triste officio vos convinha ,
 Consolaya , sabi das vossas agoas ,
 Se consolação ha em grandes magoas .

MAS ò necio de mi , estou fallando
 Das avezinhas mansas , & amorosas ,
 Se tambem teve amor , poder , & mando
 Entre as feras montezes venenosas :
 O Leão , & a Leoa , como , ou quando
 Taes formas alcançarão temerosas ?
 Sabe-o da Deosa Dindymene o templo ,
 E a que o deu a Adonis por exemplo .

QUEM fosse a mansa vaca dilohia ,
 Mas o graó Nilo o diga , que a adora ;
 Que forma teve a Urfa saberséhia
 Do Polo Boreal , onde ella mòra :
 O caço de Acéon tambem diria
 Em cervo transformado , & melhor fora ,

Qu:



Que dos olhos perdera a vista pura,
Que escolher, nos seus galgos sepultura.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo vio,
Que quem assi desta arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permitio:
Mas como o triste amante em si notára
A desusada fôrma, se partio;
Os seus, q' o nam conhecem, o vão chamando,
E estando alli presente o vão buscando.

Cos OLHOS, & co gèsto lhes fallava,
Que a voz humana já mudada tinha,
Qualquer delles por elle entáo chamava,
E a multidáo dos caens contra elle vinha:
Que viesse ver hum cervo lhe gritava,
Acteon aonde estás? acude afinha,
Que tardar tanto he este? lhe dizia:
He este, he este o ecco respondia.

QUANTAS cousas em vão estou fallando,
(O esquivas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu dano tanto sò deseja:
Pois por mais que de mi me andeis tirando,
E por mais longa emfim, que a vida seja,
Nunqua em mi se verá tamanha dor,
Que amor a nam converte em mais amor.

AQUI (ò Ninfas minhas) vos pinteí,
Todo de amores hum jardim suave,
Das aves, pedras, agoas vos conteí,
Sem me ficar bonina, fera, ou ave:



Se este amor que no peito aposentei,
 Que dos contentamentos tem a'chave,
 Por dita em tempo algum determinasse,
 Que de tam longos annos vos pesasse;

QUANTO mais devagar vos contaria,
 De minha larga historia, & nam alhea,
 E com quanta mais agoa regaria
 De contente, que o rio, a branca areã:
 Novo contentamento me seria,
 Formar de meu cuidado a nova idèa,
 E vòs gostando deste estado ufano,
 Zombarieis então de voffo engano.

MAS COM quem fallo, ou o q' estou gritando,
 Pois nam ha nos penedos sentimento?
 Ao vento estou palavras espalhando,
 A quem as digo, corre mais que o vento:
 A voz, & a vida a dor me està tirando,
 E nam me tira o tempo o pensamento,
 Direi en fim as duras esquivanças,
 Que sò na morte tenho as esperanças,

AQU I o triste Satyro acabou,
 Com soluços, que a alma lhe arrancavão,
 E os montes infensiveis, que abalou,
 Nas ultimas repostas o ajudavão:
 Quando Febo nas agoas se encerrou,
 Cos animaes, que o mundo alumiavão,
 E co luzente gado appareceo,
 A celeste pastora pelo Ceo.

ECLOGA VIII.

PISCATORIA.

A RDE, por Galathea branca, & loura,
Serenos pescador, pobre forçado,
D'huma estrella, que quer à mingoa moura,

Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.

Quando virà, ò Ninfa bella, o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Destá doudice triste, & van porfia?

Nam vès, q me foga alma, & q me engeita,
Buscando num sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis manfa colheita?

Se neste esprito alguma magoa toca,
Se d'amor fica nelle huma pégada,
Que te vai Galathea nesta troca?

Dartehei minha alma, là ma tens roubada,
Nam ta demandarei, dame por ella
Huma sò volta de olhos descuidada.

Se muito te parece, & minha estrella
Nam consentir ventura tam ditosa,
Doute as azas do amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljofar me cubrira
Todá esta praya lèda, & graciosa!

Calão as ondas, quebra o vento a ira.
Minha tormenta triste nam sossega,

D d ij



O peito arde em vão, em vão suspira.

Ao romper da alva anda à nevoa cega,

Sobre os montes da Arrabida viçosos,

Em quanto a elles a luz do Sol nam chega.

Eu vejo apparecer outros fermosos

Rayos, que a graça, & cor ao Ceo ronbárao,

Ficão meus olhos cegos mais faudosos.

Quantas vezes as ondas se encrespárao

Com meus suspiros, quantas com meu pranto

Se parárao com magoa, & me escutárao?

Se na força da dor a voz levanto,

E ao fom do remo, que agoa vai ferindo,

Perante a Lúa meu cuidado canto;

Os maviosos delfins me estão ouvindo,

A noite soffegada, o mar calado,

Sò Galathea foges, & vas rindo.

Estranhas por ventura o mar cercado

Da fraca rede, a barca ao vento solta,

E hum pobre pescador aqui lançado?

Antes que dê no Ceo o Sol huma volta,

Se pôde melhorar minha ventura:

Como acontece aos outros n'agoa envolta.

Igual preço nam he da fermosura,

A arêa de ouro, que do Tejo espraya,

Mas hum amor, que para sempre dura.

Veção teus olhos, bella Ninfa, a praya,

Verás teu nome na miçosa arêa,

Nunqua sobre elle o mar com furia faya.

Vento, ou ar, atêgora o nam saltêa,

Tres dias ha, que escrito aqui o deixoua

Amór , guardandoo a toda força alhea.

Elle com suas mãos mesmo ajudou ,
Escolher estas conchas , que guardando
Para ti huma , & huma , sò ajuntou.

Hum ramo te colhi de coral brando ,
Antes que o ar lhe dèsse , parecia ,
O que de tua boca estou cuidando ,
Ditoso se o soubesse ònda algum dia.

